INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JOÃO CARLOS DANTAS DA SILVA

O CONCEITO DE MORTE PARA ARTHUR SHOPENHAUER EM SUA OBRA "METAFÍSICA DA MORTE"

6293
100
S586c

ICESPI - BIBLIOTECA
13996 | 23/03/23

TERESINA - PI
2021

JOÃO CARLOS DANTAS DA SILVA

O CONCEITO DE MORTE PARA ARTHUR SHOPENHAUER EM SUA OBRA "METAFÍSICA DA MORTE"

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia sob a orientação do Prof. Me. Pe. Cristiano Batista de Moraes.

TERESINA - PI
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

SILVA, João Carlos Dantas da

S586e O conceito de morte para Arthur Schopenhauer em sua obra "Metafísica da morte". / João Carlos Dantas da Silva. - 2021.
51 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2021.

Orientador : Prof. Me. Pe.Cristiano Batista de Moraes.

1.morte 2.metafísica. 3.pandemia. 4.Schopenhauer I.Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

JOÃO CARLOS DANTAS DA SILVA

O CONCEITO DE MORTE PARA ARTHUR SHOPENHAUER EM SUA OBRA "METAFÍSICA DA MORTE"

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI
Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: 01 de dezembro de 2021

Pe. Cristiano B Moraes

Prof. Ms. Pe. Cristiano Batista de Moraes
Orientador

Pe. Antonio de Oliveira Soares

Prof. Ms. Pe. Antônio de Oliveira Soares
Primeiro Examinador

Maria Celeste Soeiro Machado

Prof.ª. Maria Celeste Soeiro Machado
Segundo Examinador

À Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo e a minha querida mãe do céu, Maria Santíssima e seu esposo São José.

À minha família, na pessoa de meus pais João Jales da Silva (in memoriam) e Maria Lúcia Camelo Dantas da Silva, bem como minha irmã Maria Jorsiane Dantas da Silva e a todos os meus amigos por sempre me apoiarem, acreditarem e rezarem por mim;

À arquidiocese de Teresina, na pessoa de V.Ex.ªRev.ma. Dom Jacinto F. de Brito, meu estimado pastor.

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao meu orientador, Prof. Ms. Pe. Cristiano Batista de Moraes pela presença amiga e generosidade em todas as orientações, bem como ao Prof. Ms. Pe. Antônio de Oliveira Soares que além de ser o meu estimado reitor, foi um grande incentivador desse trabalho a quem devo filial gratidão, a Prof.ª. Maria Celeste Soeiro Machado pela acolhida de sempre e disponibilidade em participar da banca examinadora.

Meu agradecimento ao demais formadores nas pessoas do Pe. Aerton Marcos, Pe. Anderson Fábio e Pe. William Vasconcelos e por meio deles externo minha gratidão a todos os seminaristas e funcionários da Casa de Filosofia Dom Edilberto Dinkelborg.

Agradeço também aos seminaristas da Arquidiocese de Teresina, por toda acolhida a mim destinada e a todo o corpo de professores e funcionários do ICESPI.

Minha gratidão a Sra. Maria Norma, Sra. Annita Krygierowicz (In memoriam), Sra. Cristiane Gomes, como ao casal José Pinheiro e Maria José do Nascimento, por serem tão importantes em meu processo formativo.

Meus sinceros agradecimentos as minhas madrinhas Maria de Lourdes Sobrinho e Mônica Reis por serem anjos do Senhor em minha caminhada vocacional e acadêmica.

Meu agradecimento e oração a todos os benfeitores do Projeto Terra Sacerdotal e demais pessoas que contribuíram com essa etapa formativa. Deus lhes pague por toda generosidade.

Por último e não menos importante a todos que direta e indiretamente contribuíram para que chegássemos à conclusão desse trabalho acadêmico.

Ad maiorem Dei gloriam. "para a maior glória de Deus".

"Não morro, entro na vida"

Santa Teresinha do Menino Jesus

"Por mais temida que seja, a morte ela não pode ser um mal".

Arthur Schopenhauer

"Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas e iguais também porque o sangue, que usamos tem pouca tinta. E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina".

João Cabral de Mello Neto

RESUMO

Todos queremos existir e viver. Perante a vontade de vida, encontramos um "obstáculo" que nenhuma indiferença pode matar a consciência do que aparece como maior dificuldade da humanidade: a morte. Esse momento derradeiro tem motivado cada vez mais reflexões, entre tantas, acredita-se que o filósofo Arthur Schopenhauer em sua obra *Metafísica da morte* descreve a morte de forma coerente e leve. Ao descrevê-la como o fim da existência fenomênica, mas não do *coisa-em-si,* pois esse segundo é indestrutível leva a compreensão do sentido real de que todo ser humano irá enfrentar e que por isso requer ao invés de medo, atitude de coragem e serenidade que só pode ser obtida por meio da racionalidade diante do desconhecido. Pra iniciar essa discussão, torna-se necessário compreender a vida e obra schopenhaueriana e o fundamento da relação entre o fenômeno e o não perecível *ser-em-si.* Nessa abordagem, é oportuno apresentar outros filósofos que discorrem suas perspectivas do fim, principalmente como resposta ao problema da rejeição e banalização da morte da sociedade atual. A temática da finitude está envolta por uma visão atual e pessimista, potencializada pela pandemia. É indispensável não marginalizar aquilo que é nossa única certeza futura, mas deve-se destacar como importante uma nova forma de compreensão da morte, à luz da contribuição filosófica que quer oferecer às pessoas e à sociedade atual a possibilidade de elaborar suas ações diante do limite. Esse que embora no presente não seja nada para nós, torna-se uma potência que se aproxima cada dia mais, que porém não é um fim em si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Schopenhauer; Metafísica; Banalização; Pandemia.

ABSTRACT

We all want to exist and live. Before the will for life, we find an "obstacle" that no indifference can kill the awareness of what appears as humanity's greatest difficulty: death. This ultimate moment has motivated more and more reflections, among many, it is believed that the philosopher Arthur Schopenhauer, in his work Metaphysics of Death, describes death in a coherent and light way. By describing it as the end of phenomenal existence, but not of the thing-in-itself, as this second is indestructible, it leads to an understanding of the real meaning that every human being will face and that therefore requires instead of fear, an attitude of courage and serenity that can only be obtained through rationality in the face of the unknown. To start this discussion, it is necessary to understand Schopenhauerian life and work and the foundation of the relationship between the phenomenon and the non-perishable being-in-itself. In this approach, it is opportune to present other philosophers who discuss their perspectives of the end, mainly as an answer to the problem of rejection and trivialization of death in today's society. The issue of finitude is surrounded by a current and pessimistic view, potentialized by the pandemic. It is essential not to marginalize what is our only future certainty, but a new way of understanding death should be highlighted as important, in light of the philosophical contribution that wants to offer people and today's society the possibility of elaborating their actions in the face of the limit . That which, although at present is nothing to us, becomes a potentiality that is getting closer each day, but which is not an end in itself.

KEYWORDS: Death; Schopenhauer; Metaphysics; Banalization; Pandemic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **10**

2. TRAJETÓRIA DE UM PENSADOR **13**

2.1 Schopenhauer: Vida e Obra **14**

2.2 Um filósofo para além do seu tempo **21**

3. O CONCEITO DE MORTE PARA SCHOPENHAUER EM SEUS ESCRITOS SOBRE A "METAFÍSICA DA MORTE" **25**

3.1 A morte como perda da consciência **29**

3.2 A morte como uma realidade metafísica **32**

4. A IMPORTÂCIA DE REFLETIR SOBRE A MORTE NA ATUALIDADE **36**

4.1 A banalização da morte na sociedade atual **40**

4.2 A visão da morte em tempos de COVID-19 ..... **41**

CONCLUSÃO **47**

REFERÊNCIAS **50**

1 INTRODUÇÃO

A humanidade em suas mais diversas épocas, lugares, culturas e civilizações tiveram seu modo particular de compreender o seu processo natural de finitude. Ao longo do tempo, a morte não deixou de ser um "tabu" ou vista com olhar pessimista pela sociedade cada vez mais indiferente a essa temática. Assim, é possível notar que o ser humano ainda não aprendeu a conviver com esse selo de finitude que marca sua existência. A história, apresenta alguns pensadores que se debruçaram em refletir sobre o momento final da vida humana, a fim de encontrar um caminho racional de entendimento da morte, até chegar a uma concepção aproximada do que temos na atualidade.

O conceito clássico de morte como temos hoje, segundo Antunes (1998), foi formulado por Hipócrates de Cós (460 - 377 a.C) Hipócrates descendia de uma linhagem de médicos e como fruto da sua experiência diante do considerável número de mortalidade existente em sua época, era previsível que se dedicasse a área da saúde e por meio de métodos filosóficos do conhecimento grego, formou sua própria identidade científica e é também referido como um dos grandes nomes do florescimento intelectual helênico e da medicina. Naturalmente, com o passar do tempo surgiram novas reflexões sobre a morte.

Como a própria origem e etimologia da palavra de origem grega *θάνατος*, do latim *Mors*, que em língua portuguesa se traduz por *Morte*; Abbagnano (1998, p. 683) descreve a morte como, a princípio, ligada diretamente ao falecimento, ou seja, fato que ocorre da ordem das coisas naturais ou simplesmente a morte física. No tocante a relação específica com a existência humana, o falecimento ou o limite corpóreo é um fato natural que inicialmente parece não ter toda uma significação específica.

O presente trabalho, segue-se a proposta de descrever o conceito, ou os conceitos e abordar uma descrição sobre a morte e as múltiplas perspectivas que a envolve. Para abordar essa temática tão pertinente, utilizou-se de três capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se um apanhado geral sobre a vida e a obra de Arthur Schopenhauer, ratificando assim a importância de seus escritos para falar sobre o momento final, haja vista ser ele o principal teórico que melhor descreve o objeto de estudo desta pesquisa. Destaca-se também nesse capítulo, a trajetória do autor e sua atenção desde criança com os sofrimentos e as dores do mundo, por certo que essa preocupação lhe fará descrever sobre a morte. Diante dos aspectos históricos de sua vida, foi possível perceber o seu temperamento, a sua genialidade e ao mesmo tempo a relevância de seus escritos que fazem refletir sobre o real significado da morte e da indestrutibilidade do nosso *ser-em-si*, suas reflexões e apontamentos tão assertivos sobre o fim.

O que o destacou como um filósofo para além do seu tempo capaz de inaugurar um novo olhar sobre a finitude da vida.

No segundo capítulo, evidencia-se, sobretudo, o conceito de morte para Arthur Schopenhauer, mas especificamente em seu escrito intitulado "metafísica da morte". Com efeito, procurou-se descrever sobre o findar da vida enquanto fenômeno, que se percebe finito pela perda da consciência física. Neste capítulo, descreveu-se a morte como um fim material, que pode ser encontrada na realidade metafísica proposta naquilo que perpassa o fenômeno e que por isso não é capaz de aniquilar o nosso *ser-em-si*[1].

Por fim, o terceiro capítulo, é motivado por tudo o que fora descrito no capítulo anterior e fundamentado pela ideia de ser importante pensar a morte, enquanto um caminho importante de aceitação do fim, de vivência do luto para contribuir no processo de elaboração da perda. Procurou-se destacar o que acontecera ao longo do tempo na construção do conceito de morte que se tem na atualidade. Um processo repleto que oscilações ora com leveza, ora com peso incomum. Como em uma montanha russa, o pensar a morte hora foi carregado de leveza, horas de pessimismo. De modo que falar e pensar sobre essa temática, é necessário, pois nos ajuda a elaborarmos a compreensão da finitude.

Para legitimar a presente pesquisa, traz-se os pensamentos dos filósofos clássicos como: Epicuro, Platão, Sócrates, como o pensamento medieval de Montaigne e um dos representantes da filosofia contemporânea Sartre. Esses filósofos com os seus respectivos conceitos, darão base teórica ao estudo da vida e sobretudo do processo natural da morte. Como busca de uma melhor aproximação desse tema, que todavia, não é novo.

Com a pretensão de motivar uma reflexão sobre esse fenômeno tão misterioso e ao mesmo tempo instigante e que na atualidade pelo momento de pandemia, tem-se pensando mais o momento final que espera por todos. Destaca-se a necessidade de refletir o momento atual e não querer fugir da realidade, apesar da dor potencializada pela forma como se tratam a morte em tempos pandêmicos, preparar-se e assumir a finitude como parte integrante da vida, é o melhor a ser feito.

Nesse caminho de reflexões, ressaltamos aqui em última análise que a morte é considerada um grande mal e por isso foi distanciada a todo custo da sociedade. O trabalho versa sobre a esperança diante do fim, ou seja, apontamos a tentativa de enxergar a morte, de forma serena e com um tom de otimismo. Isso implica em buscar reencontrar o significado

---

[1] Termo sinônimo de a "*coisa-em-si*" descrito pelo pensamento transcendental kantiano, que dá bases para Schopenhauer compreender a morte não como um fim em si mesmo, mas um para além do que temos no mundo fenomênico.

perdido por meio de um desejo de imortalidade que existe no ser humano. Por essa razão, é necessário fazer um convite que leve a todos a saírem do desespero e fazer um salto sobre o tempo em direção à transcendência da morte como um fim.

2. TRAJETÓRIA DE UM PENSADOR

No estudo da filosofia, tem-se grandes chances, de logo no início se deparar com a máxima: "conhece-te a ti mesmo", que se tornou uma espécie de referência na busca não só de um conhecimento pessoal, mas do conhecimento do geral, da verdade de tudo aquilo que seja "oculto" ao saber. Para o pensador grego, conhecer-se e dar-se a conhecer é o ponto de partida para o desvelar de qualquer que seja a realidade desconhecida. Esse pensamento atribuído a Sócrates (479-399 a.C.)[2], é, na verdade, uma inscrição que se via na entrada do Oráculo de Delfos. Neste local, existia um templo dedicado a Apolo (na mitologia grega, o deus da luz e do sol, da verdade e da profecia), buscava-se nesse santuário o conhecimento do presente e do futuro por intermédio de sacerdotisas que serviam como uma espécie de videntes.

A vida e a filosofia de Arthur Schopenhauer, seu profundo pensamento metafísico defende, na esteira das escolas filosóficas da antiguidade tardia, que "a ação decorre da essência". Deste modo, se não podemos modificar nossa essência (o que seria uma contradição entre termos), e a ação decorre da essência, assim recebemos a afirmativa de que somos determinados a agir da maneira como agimos. Por isso mesmo a importância, destacada por Schopenhauer de conhecer-se, para conhecer o que circunda o mundo e ainda arriscar um salto, no que está para além deste.

Em outras palavras, não somos livres para determinar o curso de nossas vidas, mas podemos por meio da racionalidade, e da busca sincera do saber, superar os dessabores desta vida e assim empreitarmos uma caminhada que nos prepara para o fim. Com a intenção de conhecer os principais aspectos de sua história, bem como as suas principais obras, e desenvolver seu pensamento sobre o conceito da morte e a indestrutibilidade do nosso *ser-em-si*, propomos a seguir conhecer um filósofo marginalizado em sua época, por ser dono de uma personalidade forte, mas que deve ser conhecido melhor. Por isso, Arthur Schopenhauer foi escolhido como o pensador descrito nesse trabalho acadêmico, por sua personalidade singular e respostas assertivas diante das frustações e dos enigmas da existência humana, ao qual se debruçou com esmero e conseguiu criar uma filosofia, ou melhor um pensamento único.

---

[2] Sócrates foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental, é até hoje uma figura enigmática, conhecida principalmente através dos relatos em obras de escritores que viveram mais tarde, especialmente dois de seus alunos, Platão e Xenofonte, bem como pelas peças teatrais de seu contemporâneo Aristófanes. Muitos defendem que os diálogos de Platão seriam o relato mais abrangente de Sócrates a ter perdurado da Antiguidade aos dias de hoje.

2.1 Schopenhauer: Vida e Obra

Arthur Schopenhauer (1788 – 1860) foi um escritor, professor e um grande nome da filosofia alemã do século XIX. Filho de Heinrich Floris Schopenhauer e Johanna Schopenhauer nasceu aos 22 de fevereiro na cidade de Danzig, na Prússia, atual Polônia. O pai, um próspero comerciante, viu em seu filho o sucessor ideal para cuidar dos negócios da família. Sua mãe era uma conhecida novelista e romancista que construiu uma posição social relevante, principalmente depois que se mudou para a Alemanha.

Desde a infância Schopenhauer mostrou-se uma criança perspicaz e inteligente. Aos doze anos de idade, em 1800 a sua família empreendeu uma série de viagens pela Europa, tendo como principal motivação apresentar-lhe o comércio estrangeiro, com o firme propósito de incutir-lhe o gosto pelos trabalhos familiares, o que aos olhos do seu pai seria de grande importância sua futura profissão. Percorridas assim a Alemanha, França, Inglaterra, Holanda, Suíça, Silésia e a Áustria. Apesar de tantos incentivos, ele não se sentiu motivado pelos anseios e trabalhos paternos, ao contrário durante essas viagens, redigiu uma série de considerações e escritos com um tom melancólico, acerca da miserável condição humana, que o interpelou e fez refletir sobre as dores do mundo.

Em 1805, sua família passa a residir na cidade de Hamburgo, por pressão do pai, onde iniciará os seus estudos na escola comercial da cidade, que findará com a trágica e inesperada morte do seu genitor, vítima de suicídio. Com o falecimento do seu pai, Schopenhauer volta-se para o que realmente lhe inspira e ingressa no ano de 1807 no Liceu de Weimar, onde se dedicará aos estudos humanísticos. Dois anos depois, começaria a cursar medicina, na Faculdade de Göttingen, onde adquiriu vários conhecimentos teóricos na área da saúde, mas lhe faltou à vontade para continuar, terminou por trancar o curso e decidiu-se por estudar filosofia. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 5).

No ano de 1811, começou a participar dos cursos ministrados pelos renomados professores de filosofia: Schleiermacher[3] (1768 – 1834) e Fichte[4] (1762 – 1814) na Universidade de Berlim. Este último teve sua teoria posteriormente refurtada, acusado de plágio por ter feito de forma deliberada uma caricatura da filosofia de Immanuel Kant (1724 – 1804).[5]

---

[3] Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher foi um filósofo, teólogo e professor na Universidade de Berlim. Traduziu as obras de Platão para o alemão. Foi influenciado por Kant e Fichte, mas não se tornou um idealista subjetivo.

[4] Johann Gottlieb Fichte foi um filósofo alemão pós-kantiano e o primeiro dos grandes idealistas alemães. Sua obra é considerada como uma ponte entre as ideias de Kant e as de Hegel. Assim como Descartes e Kant, Fichte interessou-se pelo problema da subjetividade e da consciência.

[5] Immanuel Kant foi um filósofo prussiano. Amplamente considerado como o principal filósofo da era moderna, operou, na epistemologia, uma síntese entre o racionalismo continental, e a tradição empírica inglesa.

O que motivou, Fichte, foi a tentativa de envolver e enquadrar os cidadãos alemães naquilo que chamou de uma "*neblina filosófica*". Os estudos filosóficos de Schopenhauer culminaram no ano de 1813, com a conclusão do seu doutorado pela Universidade de Berlim e sua tese tinha por título: *Raiz Quádrupla do Princípio de Razão Suficiente.*[6] Que em suma seria uma teoria do conhecimento, influenciado pelo método transcendental kantiano. Schopenhauer fez um estudo aprofundado das capacidades cognitivas do ser humano, bem como de suas funções subjetivas delimitadas em terminologia kantiana de *a priori,*[7] tendo como correlato os objetos da realidade empírica.

Sua tese de doutorado girava em torno de quatro formações, a saber: na primeira classe subjaz o princípio de "razão do devir", a ele subordina-se a experiência possível da realidade configurada pelos dados do espaço-tempo regida pela lei da causalidade; na segunda classe aparecem representações abstratas ou conceituais, que ele chama de "razão do conhecimento", expressadas por juízos; na terceira, descreve as representações formais, que são fornecidas pelos dados constitutivos com a finalidade de ama construção da matemática: aritmética e geometria, ciências da "razão de ser", e a quarta "razão do agir", que está submetido ao sujeito do querer, conforme uma lei da motivação.

Nesse mesmo período em que concluía o seu doutorado, sua mãe, Johanna, passou a residir em Weimar, umas das cidades alemãs consideradas belas, e era uma assídua frequentadora de círculos mundanos, ou seja festas e encontros que eram regados a bebidas, dos quais Schopenhauer detestava, por ser ele um cavalheiro solitário, não tinha aptidões a ambientes barulhentos e tumultuados. De forma que as relações entre Arthur e sua mãe foram com o tempo, tornando-se muito conflituosa, ao ponto dela mesma dizer de forma pública, que a tese do seu filho não passava de uma bula de farmácia, que seria ignorada por todos.

Em contrapartida, Schopenhauer dizia sobre o futuro, com um tom sarcástico e "profético", que sua mãe só seria lembrada por ter sido a sua progenitora. Um tempo depois, ele ao ler as poucas linhas escritas das *Memórias* de Feuerbach (1804 - 1872)[8], sobre sua mãe, achou Schopenhauer de uma grande verdade o que escrevera sobre ela: "A conselheira áulica Schopenhauer é uma viúva rica: professa erudição; faz livros; tagarela muito bem; inteligente,

---

[6] Título original: Über die vierfache Wurzel des Satzes vom zureichenden Grunde: Eine philosophische Abhandlung.

[7] Kant considera o conceito de *a priori* em relação com problema da dependência da experiência. O conhecimento *a priori* é independente da experiência ao contrário do conhecimento *a posteriore* tem origem na experiência.

[8] Ludwig Andreas Feuerbach foi um filósofo alemão. Reconhecido pelo ateísmo humanista e pela influência que o seu pensamento exerceu sobre o a filosofia de Karl Marx.

sem coração nem alma, satisfeita consigo, em busca de aplausos, sempre sorrindo para si mesma". (LEFRANC, 2008, p.11).

O fato é que entre e idas e vindas ele continuava a frequentar o salão de sua mãe, motivado não pelos afetos, mas porque, poderia ali conhecer grandes nomes da dramaturgia Alemã. Como foi o caso de Goethe (1749 – 1832)[9] e se tornou-se o seu "mentor". Esse também conhecendo os seus gostos acadêmicos, motivou-o a pesquisar sobre a teoria antinewtoniana da visão. Que fez Schopenhauer, prosseguir curioso os estudos acadêmicos sobre essa temática antinewtoniana e como fruto desse mover intelectual, escreveu uma obra intitulada "*Sobre a Visão e as Cores*"[10], que seria publicada em 1816. No qual se baseia na "*teoria das cores*", obra do seu amigo Goethe, escrita em 1810. Neste tratado ele tenta fazer uma junção entre os conhecimentos antinewtoniano com a interpretação fisiológica da cor provinda de Goethe. Com o objetivo de explicar os objetos que existem à medida que são concebidos pelo sujeito, este trabalho é de fundamental importância para entendermos as transformações ocorridas na interpretação do fenômeno cromático a partir do século XVII. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 6).

Em 1818, conclui sua principal obra que tem por título: "*O mundo como vontade e representação*" onde procurou caracterizar o mundo fenomênico como o produto de uma cega, insaciável e maligna vontade metafísica que existe sobre o ser humano, vontade essa que o domina, tirando a suposta liberdade que os indivíduos dizem possuir. O pensador da vontade e da representação, desenvolveu um sistema que tem sido descrito como uma manifestação exemplar de um "pessimismo" filosófico. Ao passo que aquilo que para muitos parece ser pessimista, para outros é uma filosofia prática e da consolação.

Justifica, portanto a sua motivação em ter introduzido nos seus escritos filosóficos, o pensamento indiano e algumas intuições budistas. Pois para ele, as religiões orientais tinham uma visão transcendente, que pode de certa forma ajudar a compreender a metafísica alemã. Ele era fortemente influenciado pela leitura das Upanishads[11], que foram traduzidas pela primeira vez para o latim, no início do século XIX. Ainda em 1818, viaja para Itália e permanece até o ano seguinte, mas um ano e meio depois de haver publicado sua grande obra filosófica, veio à

---

[9] Johann Wolfgang von Goethe foi um polímata, autor e estadista alemão do Sacro Império Romano-Germânico que também fez incursões pelo campo da ciência natural. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século XVIII e inícios do século XIX.

[10] Titulo Original em alemão: Über das Sehn und die Farben.

[11] Derivam do mais antigo texto hindu, os Vedas, que formam a base de toda a filosofia do hinduísmo. Originalmente eram cerca de 200 textos escritos por autores desconhecidos, mas 12 são considerados os mais importantes. Por meio de diálogos entre mestre e discípulo, os Upanishads falam sobre a compreensão da alma humana (Atman) e o caminho para se atingir a realidade absoluta (Brahman).

frustração, pois só haviam sido vendidos 100 exemplares, sem contar nas duras críticas que recebeu acerca de ideias colocadas dentro do mundo como vontade e representação.

Como autor de uma obra só, Schopenhauer, continua sua produção intelectual com comentários sobre temas já descritos em o mundo como vontade e representação. Ainda assim não consegue êxito em um primeiro momento, encontra consolo, contudo, ao pensar que faz parte da existência os momentos de fracassos, aquilo que a primeiro momento pode soar como doloroso, no futuro converter-se-á em uma nova realidade e isso, ele verá em vida.

Não podemos negar que estamos conhecendo um pouco da história de um grande pensador, no entanto sem público e marcado por situações conflitantes. Após uma temporada na Itália, ele retorna com a situação econômica lastimável, ao ver-se em vias de passar fome, após refletir decidiu-se em pedir uma vaga ao posto de monitor na Universidade de Berlim, utilizando o título de doutor. Sendo admitido em 1820, após uma prova em forma de conferência, ministrada por ele com louvor e bem comentada pela comunidade acadêmica daquela cidade.

Devidamente empossado, começou a dar aulas em um curso que nominou: "*A Filosofia inteira, ou O Ensino do Mundo e do Espírito Humano*". O nome devia-se, por certo como uma crítica a Hegel[12] (1770 – 1831), que nesse período era um dos maiores professores da Universidade de Berlim. Schopenhauer tenta competir com Hegel, pois além de terem pensamentos discordantes no que tange a filosofia, caracterizava-o como perverso, de forma que escolheu como horário do seu curso o mesmo em que o seu "rival" lecionava, de má sorte, que só participaram durante um semestre inteiro quatro ouvintes, levando-o a uma profunda frustração que cominou com a renúncia da monitoria na universidade.

Emocionalmente abalado pelos consecutivos insucessos, em 1821, envolveu-se numa situação complicada e que teve consequências trágicas, primeiro em sua vida financeira, e posteriormente psicológica o que lhe causou periódicas crises de depressão e ansiedade. Sua moradia, era uma pensão, onde os principais locatários eram senhoras idosas que tinham o hábito de espionar a chegada de todas as pessoas que ele recebia em seu apartamento. Certa noite, uma senhora por nome Caroline-Louise Marquet se dedicava a esse mister, Schopenhauer, motivado pela fúria de seu temperamento, empurrou-a escada abaixo. Esta senhora não foi a óbito, mas Schopenhauer, foi processado e condenado a pagar trezentos

[12] Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi um filósofo germânico. Sua obra *Fenomenologia do Espírito* é tida como um marco na filosofia mundial e na filosofia alemã. Hegel pode ser incluído naquilo que se chamou de Idealismo Alemão, uma espécie de movimento filosófico marcado por intensas discussões filosóficas entre pensadores de cultura alemã do final do século XVIII e início do XIX.

thalers[13] de despesas médicas e mais sessenta anuais até a morte de Caroline, que faleceu vinte anos depois. Assim durante todo esse tempo uma vez por ano na data em que se tinha que pagar a indenização da referida mulher, entrava ele em depressão nervosa, por ser obrigado a pagar a pensão. Sua revolta não era pelo valor financeiro, mas principalmente por sentir-se injustiçado pelas autoridades.

No meio das crises depressivas e momentos de ansiedade, vivia Schopenhauer. Entre 1826 e 1833, empreendeu frequentes viagens já com idade avançada e foi acometido inúmeras enfermidades das quais conseguiu curar-se, ocasião importante para se refletir sobre a finitude do ser. Schopenhauer tenta uma nova experiência, como professor da Universidade de Berlim. E mais uma vez fracassou, não sendo pior que a primeira vez, com exceção, somente pelas boas críticas que recebeu da sua obra o mundo como vontade e representação que foi publicado em um periódico por nome: Kleine Bücherschau.

Essa boa critica apesar de tudo, seriam o início do reconhecimento que lhe seria destinado, depois tantos esforços empreendidos na busca de construir um pensamento filosófico válido. Schopenhauer procurou logo no prefácio, destacar a diferença entre um pensamento único e um conjunto de pensamentos, como condição para o entendimento filosófico:

> Um sistema de pensamentos deve sempre ter uma ligação arquitetônica, de tal modo que uma parte sustente a outra, mas não inversamente; ao contrário, um pensamento único, por mais vasto que seja, deve conservar a mais perfeita unidade. Ainda que para maior comodidade da exposição, sejamos obrigados a dividir esse pensamento em partes. (HUISMAN, 2000, p. 387).

Percebe-se que o alicerce construído por ele para subir o seu edifício intelectual é pautado por método que busca uma compreensão do todo, que embora dividido, torna-se distinto e que nos leva das partes para um entendimento do todo. Por ser filósofo tido como "homem de um único pensamento" toda a observação das suas obras e ideias nos remete a um ponto de unidade, embora seja uma variada gama de temas, ao qual se debruça e escrevem como por exemplo: as artes, estilos, mulheres, os jogos, telepatia, música, dentre outras temáticas que julga ser importante descrever o seu pensamento, em cada assunto específico, tem em si a certeza de encontrar um mesmo pensamento.

A reflexão elaborada por ele é de certo modo um contra-ataque ao idealismo kantiano, por isso afirma que o mundo, tal como nós temos acesso, não passe de uma representação e dessa teoria discorre sobre todos os demais temas já exemplificados, o que o ajudará a concluir

---

[13] O táler foi uma moeda de prata usada na Europa por quase quatrocentos anos. Seu nome sobreviveu em várias moedas contemporâneas, tais como o dólar ou o tólar esloveno (já substituído pelo euro).

que o mundo não tem realidade em si; não passa de um sonho elaborado pela nossa imaginação. Muito embora nosso cérebro possa construir um sonho bem conexo, mas que não tem uma realidade substancial e que nos permite até ser enganados, em suma:

> Se este mundo nada mais será que representação; e nesse caso deveria passar diante de nós como um sonho sem substância, ou como um fantasma aéreo, indigno de valor; ou então indagaríamos se ele não é alguma outra coisa"; a necessidade "metafísica" de uma realidade e o assombro diante da existência nos levam a ver neste mundo um enigma que deve ser decifrado. (HUISMAN, 2000, p. 387).

Existe o desejo de falar de uma vontade que se manifesta no exterior, ou seja, como uma representação como descreve Huisman (2000, p. 387) "A vontade é o conhecimento *a priori* do corpo, e o corpo é o conhecimento *a posteriori* da vontade". Entendemos o que descreve sobre o homem que busca a todo custo suprir seus desejos e depois de fazê-lo, começa o tédio, um mal tão temido quanto o sofrimento e a morte, que pode levá-lo ao desespero, em outras palavras enxerga a humanidade como insatisfeita e que não poderá nunca se satisfazer de forma completa, senão por meio da morte.

Schopenhauer destaca em suas obras que não existe um real progresso da humanidade e o que se pode esperar dela, senão sempre os mesmos males, como doenças, crimes e guerras unidos a tantas realidades decadentes que o faz enaltecer a figura do animal de estimação como sendo de mais valor que o homem, enquanto ser racional. Por pensar assim lhe foi atribuído o adjetivo de pessimista, em contrapartida, numa linha ética da existência, ele faz uma análise da moral e da arte, que são os bens mais preciosos que se pode ter acesso e são capazes de acalmar a vontade, sem que se tenha que passar pelo crivo da filosofia e de um pensamento crítico advindo da ciência.

Diante disso pode-se entender o que disse, Nietzsche (1844 – 1900)[14] que descreve: Schopenhauer, como aquele que se tornou o "educador" da geração que o sucedera, pois para ele, o filósofo só deveria refletir ou pelas coisas que possuem em si valores morais, ou os objetos de arte e experiências artísticas, pois só no gênio ou no asceta poderemos encontrar um conhecimento digno de ser chamado de sabedoria do mundo e ao mesmo tempo uma libertação da vontade, que ao mesmo tempo tornam-na inofensiva. Todo esse rico sistema descrito nos múltiplos temas, fará sua fama ainda que "tardiamente".

---

[14] Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filósofo, filólogo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na atual Alemanha. Escreveu vários textos criticando a religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por metáfora, ironia e aforismo, teve em seu pensamento forte influência de Arthur Schopenhauer.

Em 1833, depois de tanto hesitar, muda-se para Frankfurt sobre o Meno[15], Onde permanecerá até sua morte no ano de 1860. Levará uma vida dedicada aos estudos, em seu apartamento, que podemos chamar de uma espécie de eremitério[16] do saber, dos vinte e sete anos em Frankfurt, só tinha por companhia um cão. Por isso um adjetivo de "O filosofo solitário", essa vida reservada e sem amizades, por ele escolhida, é amenizada pela presença de seu cão, ao qual justificava sua predileção por animais de forma filosófica; pois para ele, diferentemente dos humanos entre os cães, a vontade não é dissimulada pela máscara do pensamento.

Apesar dos dissabores da vida, existe de sua parte uma crença no amor, mas não acreditava que ele tivesse algo a ver com a felicidade. O que seria então o amor para Schopenhauer? Senão apenas uma vontade cega e irracional que todos os seres humanos têm de se reproduzirem, dando assim continuidade à vida e, por conseguinte, ao sofrimento. A sensação de felicidade que esse sentimento traz é apenas o interrompimento temporário do querer, a fuga de uma dor imposta pela vontade que representa nossos impulsos, ou seja, da dicotomia que existe na essência, como uma luta entre vontades de vida e de morte. Em outras palavras o amor em sua concepção foi reduzido ao sexo e a procriação, desta forma a sociedade marginaliza o amor.

Para ele, somente o sofrimento é positivo, pois se faz sentir com facilidade, enquanto aquilo ao qual chamamos felicidade é negativo, pois é a mera interrupção momentânea da dor, ou do tédio, sendo estes últimos à condição inerente à existência. O solitário de Frankfurt considerava esse impulso de reprodução, esse "gênio da espécie", que se apresenta tão forte como o medo da morte, daí que muitos amantes arriscam a vida e a perdem obedecendo a este desejo. Diferente do que se pensa, Schopenhauer entendia dos prazeres, da paixão e do amor, ele teve a experiência de amar. "Citemos ao menos a sua ligação berlinense com Carolina Medon (1802 – 1882), ela não o acompanhou na mudança para Frankfutr, mas se correspondia com ela até o fim da vida". (LEFRANC, 2008, p.15).

Seus biógrafos afirmam que justamente, imbuído das lembranças dos amores vividos, que escrevera a "*Metafísica do amor*" na parte do Tomo II de "O Mundo" e consequentemente a "*Metafísica da morte*" esse segundo escrito será trabalhado com afinco no segundo capítulo dessa dissertação. Possuidor de um grande fôlego acadêmico, é uma verdadeira máquina de

---

[15] Forma de designar a cidade de Frankfurt, que está localizada à beira do rio Meno na região central da Alemanha, cidade promissora nos tempos de Schopenhauer. E ainda hoje é um grande centro de conhecimentos e econômicos, pois abriga o Banco Central Europeu.

[16] Os eremitas são uma espécie de monges que vivem uma vida solitária e não comunitária como os demais monges. O local onde moram os eremitas é designado eremitério.

escrever. Em 1836, veio a tona o seu ensaio "*Sobre a Vontade da Natureza*", que viria como um complemento, ou um segundo livro de o mundo como vontade e representação. Simultaneamente redigiu também outros dois ensaios um acerca da liberdade da vontade e o outro sobre o fundamento da moral. O primeiro, para concorrer a um concurso da Academia de Ciências de Drontheim (Noruega), ao passo que o segundo concorreu ao concurso da Academia de Copenhague. Esse último continha grandes insultos ao seu "rival" Hegel e a Fichte, provocando grande repercussão e polemica, de modo que mesmo sendo, Schopenhauer o único concorrente, o livro não foi premiado.

Em 1841, bem depois os dois escritos sobre a moral e a liberdade da vontade, foram unidos e publicados juntos sob o título de "*Os dois problemas fundamentais da Ética*". Dois anos depois veio à segunda edição de o mundo como vontade e representação, ainda que robustecido por alguns suplementos acrescidos, que mesmo assim não obteve o sucesso esperado. No entanto, com a publicação de "*Parerga e Paralipomena*"[17], sua última obra escrita e que fora publicada no final do ano de 1851, por meio desta, ficou amplamente conhecido e famoso. Nesta obra procurou discorrer sobre uma gama de assuntos que vão desde temas relacionados ao ensino universitário, à escrita, à sociedade em que vive, aproveitou para revê conceitos que outrora defendia e providenciou inúmeros conselhos aos leitores sobre como levar uma vida mais coerente possível, todo esse caminho o fará um pensador único, como pode-se notar a seguir.

2.2 Um filósofo para além do seu tempo

Embora seja um homem tocado pela melancolia e até mesmo por um certo pessimismo, Schopenhauer se torna conhecido por buscar construir um conjunto de reflexões, essas sustentadas por uma filosofia que não só abre perguntas, mas que encontra respostas e por uma vontade de consolação ao mundo marcado de dores, ele percebe a filosófica e a racionalidade como um caminho que suaviza o sofrimento. A partir daí a sua fama se espalhou pela Alemanha, países vizinhos e da Europa se difundiu pelo mundo, na França muitos filósofos e escritores viajaram até Frankfurt para visitá-lo. Enquanto isso, via ele seus escritos repercutirem com grande aceitação pelas novas gerações, ao passo que a "grande" filosofia de Hegel que se mostrava tão solida e inabalável, entrou em declínio. De forma, seu "rival" caia no

[17] Tradução "suplemento e omissões".

esquecimento, Schopenhauer, tinha nos últimos anos da sua vida, o reconhecimento merecido por todo empenho destinado ao pensamento filosófico.

É perceptível que o filósofo solitário, não é um pensador de reflexões parvas, muito pelo contrário é dono de uma mente brilhante e que embora conhecido como o pensador de uma única obra, tem um pensamento rico e que pode colaborar fortemente para a sociedade em um contexto atual, como também em nosso caminho de reflexão sobre a finitude do ser. Como diz Lefranc (2008, p. 7), "Propomos aqui resgatar um Schopenhauer tal qual ele é em si mesmo: profundamente intempestivo, inatual, inclassificável".

Entende-se inatual pelo desempenho que teve, em fazer um resgate da verdadeira metafísica, que a crítica kantiana não o proibiu, ou conseguiu arruinar completamente. Caracterizamos o autor que foi suprimido dos livros e das galerias dos grandes filósofos por Merleau-Ponty (1908 - 1961).[18] Pelo fato de tecer duras críticas ao senso comum. Falamos de um "gênio" que apesar de suas controvérsias não é um anti-hegeliano, pois de fato o seu pensamento não se desenvolve na sequência do de Hegel, mas ao contrário para mostrar sua genialidade faz concorrência ao sistema do saber absoluto hegeliano. Sobre este aspecto nem sempre os livros de história da filosofia trazem com coerência a pessoa e o valor, da contribuição schopenhaueriana para o pensamento filosófico, por isso mesmo não deixou de escrever ainda que brevemente na segunda parte de sua obra principal, fragmentos sobre a história da filosofia e seu método.

Segundo Lefranc (2008, p. 10). "O fato de Schopenhauer só ter alcançado a glória europeia depois de 1850 não é sem dúvida desprezível, caso se trate de compreender a época". Tempo marcado por um contexto social turbulento, onde não diferente de hoje a influência e o respeito era dado a partir das finanças ou do sobrenome. Ele, porém, herdara dos pais algo maior que dinheiro e nome, herdou traços que formam a sua firme personalidade. Do pai puxou o caráter e da mãe a inteligência. E na verdade um devedor aos seus pais, por ter obtido uma cultura que não fora igualada por nenhum dos grandes nomes da filosofia do seu século, sua bagagem e conhecimento de mundo, isso lhe dará um destaque que não pode ser ignorado se comparado a outros teóricos de seu tempo.

Seu grande domínio em línguas estrangeiras, além de fazê-lo um poliglota lhe patenteou a construção de um pensamento original. Sua forma reservada de ser, ainda que justificada por víeis psicológico, o fez apesar se suas imperfeições se tornar um exemplo de dedicação ao

[18] Maurice Merleau-Ponty foi um filósofo fenomenólogo francês.

estudo da filosofia, primeiro por ter uma independência material desde cedo, que lhe deu a garantia de que precisava para construir um pensamento autêntico, sem necessitar de favores alheios que pudesse corromper ou manipular em favores sua busca pelo saber.

Como deixaríamos de destacar sua autodisciplina que não perdeu com os insucessos da vida acadêmica. As oportunidades foram abraçadas por ele com todo vigor, a busca do conhecimento, esse que sempre fora o seu maior prazer, seguido do seu interesse pela cultura asiática, hinduísta e também chinesa, sem deixar de lado seu grande apreço pela arte como um todo, sobretudo pela música. Era fascinado pela possibilidade que o ser humano tem de se desvencilhar de qualquer sofrimento, por meio da contemplação do belo, ele mesmo alcançava um sentimento de autotrasncendência como podemos perceber no testemunho dado acerca dele:

> O estudante de Göttingem e de Berlim despreza os duelos e as bebedeiras, não porém as ciências, as artes ou a música. Toca todos os dias sua flauta até a idade avançada. Nem Kant nem Hegel tinha uma tão vasta experiência estética. ter-se-á de admitir que a cultura de Schopenhauer foi, em grau excepcional, a de um verdadeiro homem cosmopolita. (LEFRANC, 2008, p. 12).

Descreve-se um pensador que marca a história, por ser livre, ou ainda por assumir uma postura radical e denunciar as filosofias da história que inspirados em dialética e no positivismo alienante de sua época, mas especificamente quando pretendem com superioridade justificar de forma histórica e racional o monoteísmo sobre as principais crenças da humanidade. Ele não se deixa corromper no sentindo intelectual comum alguns dos seus contemporâneos, ele se enquadra no meio termo do dual pensamento, um que o inspira o outro que o angústia. Mas partindo desses, a saber: o pensamento kantiano de maneira totalmente independente e pós-hegeliano, pois seu pensamento não se desenvolve na sequência do de seu "oponente".

Assim podemos concluir que o idealismo schopenhaueriano é pós-kantiano e pós-hegeliano. Embora muito se aproxime a metafísica da vontade pelo seu sucesso tardio, como não seria ela mais prática que o idealismo absoluto construído por Kante e Hegel. Diferente de Kant e Hegel, Schopenhauer possui um pensamento que se explica por sua própria forma de refletir e gerar uma nova forma de se relacionar com filosofia. Seria injusto reduzir seu nobre pensamento e múltiplas reflexões ao certo pessimismo. Embora seja um filosofo de um humor peculiar, Schopenhauer, é um homem para além do seu tempo.

Como nos diz Lefranc (2008, p. 13). Schopenhauer "jamais se preocupou em ser simpático". Talvez por isso mesmo, teve uma vida longa, se analisando a estimativa de vida em sua época. Não com poucas intempéries, dirá em seus aforismos sobre a sabedoria da vida, com aproximadamente 68 anos:

> Corro como um galgo, vou admiravelmente bem de saúde, toco flauta quase todos os dias; no verão passado nadei no Meno até 19 de setembro; não sofro de nenhuma doença e minha vista ainda é tão viva como no tempo de estudante. Tenho somente o ouvido um pouco preguiçoso. (LEFRANC, 2008, p. 15).

Nota-se que sempre houve por parte do pensador uma procura, apesar de tantos infortúnios, mantem-se fiel as suas convicções, por isso mesmo era tido por polêmico em sua forma de pensar e nas reflexões que fomentava. Um exemplo é a temática da morte, que ele entendia, não como um fim em si mesmo, mas como uma realidade que se prolonga como veremos no próximo capítulo. Sua inatualidade se manifesta, não na formação de discípulos que venham a reproduzir seus pensamentos, ou ainda na preocupação com as críticas recebidas e vinculadas a sua personalidade. De sorte que viveu o tempo necessário para obter o reconhecimento tão almejado.

Ao ler os seus escritos, nota-se a vontade empregada da melhor maneira em tudo aquilo que fez, por isso antes de morrer escreveu como quem zela um objeto amado: "Dentro de pouco tempo os vermes roam meu corpo, eis um pensamento que posso suportar, mas que os professores de filosofia roam a minha filosofia, estremeço desde já". (LEFRANC, 2007, p. 18). Schopenhauer soube viver bem e envelhecer de igual maneira, teve em mente que a vida é um preparar-se para morte, pois para toda existência humana, considerada em seu conjunto é uma tragédia. Essa concluída subitamente numa ensolarada manhã, do dia 23 de setembro de 1860.

É essencial tendo percorrido um pouco sobre a figura desse pensador como um homem singular e que deseja contribuir para um pensamento da morte, compreender a vida para aceitar o fim natural que viveremos. Portanto, ao acessarmos sua história, far-se-á necessário adentrar na originalidade do seu conceito sobre a morte e a indestrutibilidade do nosso *ser-em-si*.

3. O CONCEITO DE MORTE PARA SCHOPENHAUER EM SEUS ESCRITOS SOBRE A "METAFÍSICA DA MORTE"

Nos dispomos a caminhar no certame de um tema enigmático, dos quais outros pensadores ao longo da história da filosofia já se propuseram a estudar e a refletir. Por maiores que tenham sido as contribuições de tais teóricos, ninguém poderá esgotar uma temática tão significativa e, ao mesmo tempo, misteriosa, por isso, muitas vezes angustiante para a humanidade que sempre quer estar no controle das situações.

A morte enquanto realidade a ser enfrentada, ou como conceito, não é algo que retemos em nossas mãos. Trata-se, antes de uma experiência única e pessoal, a qual também não temos a pretensão de descrever em absoluto. Até porque para definir em totalidade esse assunto teríamos que tê-lo experenciado, e não é o caso. Nosso intuito, porém, é tentar demonstrar o rico e oportuno pensamento de Schopenhauer sobre a finitude e a indestrutibilidade do nosso *ser-em-si*, lançando assim luzes sobre essa temática que fica muitas vezes envolta de trevas, sobretudo no atual contexto em que estamos inseridos.

Faz-se mister, hoje, um pouco mais que no passado, refletirmos sobre essa realidade, pois o findar da existência humana é para a maioria das pessoas um momento de extremo pavor. A morte é compreendida como um dado, anterior a nós no sentindo histórico, ao mesmo tempo, nos perpassa no presente e dele não podemos escapar, pois está sempre a nossa frente, ou seja, para além, em um sentido metafísico do termo que viveremos de forma enigmática mais cedo ou mais tarde.[19]

Dessa forma, objetivamos tomar mão do pensamento schopenhaueriano que vai contra o tabu cultural que fora criado em torno do conteúdo dessa monografia, pois para o autor, é um equívoco enxergar o morrer e consequentemente o luto como algo ruim e assustador. Seu pensamento que é tido, na maioria das vezes, como pessimista quer olhar com otimismo o momento em que todos enfrentaremos quando deixarmos de ser o que somos no tempo presente.

Na época de Schopenhauer, havia uma expressão bastante usual que dizia: "o mundo é fim em si mesmo". Partindo dessa frase, mas sem forçar o pensamento de sua época, ou do autor, substituiremos a palavra "mundo" por "morte". Parafraseando o ditado popular, pode-se dizer que "a morte não é o fim em si mesma", pois a existência não se reduz ao estado físico-material.

---

[19] Metafísica é uma palavra oriunda do grego *metàphysis*, que significa "além da física" ou "além da natureza". Os primeiros estudos sobre essa linha de conhecimento foram iniciados por Aristóteles, contudo, ele não utilizava o termo que conhecemos hoje.

Schopenhauer entende a vida e, consequentemente, a morte, não somente como aquilo ao qual vivemos aqui na terra, pois se assim o fosse, seria um reducionismo[20] ou ainda uma ideia imoral, constituída como um grave engano, fruto do pensamento adquirido por uma sociedade decadente e que origina os seus pensamentos da perversidade (SCHOPENHAUER, 1999, p. 241).

Ele questiona: por que há na humanidade tanto medo no que se refere ao fim? Não seria por acaso uma verdade o que diz o pensamento antigo sobre a existência do homem: "*cujus conceptio culpa, Nasci poena, labor vita, necesse mori*?"[21] Nos propomos a olhar a morte por uma outra ótica, diferente da usual, rompendo assim com o pensamento hedonista[22] comum no tempo do autor, ainda mais forte nos dias de hoje. Parecerá com facilidade em seus escritos filosóficos que a sua perspectiva combate o medo da morte, pois para ele não deixamos de existir, nosso espírito é mais que nossa matéria.

Pode-se já aqui perguntar a motivação do pavor da sociedade vigente diante do fim inerente, esse momento liquido ao qual descreverá Bauman (2008, p. 12). Ao citar Craig Brown (2005, p. 73): "A cada dia surgiam advertências globais sobre vírus assassinos, ondas assassinas, drogas assassinas, icebergs assassinos, carne assassina, vacinas assassinas, assassinos assassinos e outras possíveis causas de morte iminente". Se observarmos em volta, veremos uma sociedade líquida e que não quer falar sobre nada que lembre sofrimento. Estamos envoltos de um sistema que tenta de todas as formas subtrair a angústia; pensando de forma equivocada que fugindo dos momentos de morte, dor e luto, irão destruir para sempre esse assunto. Mera ilusão! Necessariamente, todos iremos nos deparar com dores, desolações e com o fim inevitável que a todos aguarda. E se mais cedo ou mais tarde isso acontecer, como poderemos dar uma resposta coerente ao nosso futuro?

Schopenhauer procura olhar o "não ser" com um pensamento prático de quem quer retirar um pouco do grande peso que se deposita sobre o último momento da vida, não se pode continuar entendendo a morte como a pior coisa do mundo. Ao mesmo tempo, leva-nos a refletir se mais trágico do que falecer não seria viver uma vida medíocre e imersa no marasmo de um

---

[20] Reducionismo, na filosofia, é um conjunto de teorias correlatas que afirmam, grosso modo, que objetos, fenômenos, teorias e significados complexos podem ser sempre reduzidos, ou seja, expressos em unidades diferentes, a fim de explicá-los em suas partes constituintes mais simples.

[21] Tradução da frase latina: Sua concepção é uma culpa; o nascimento, um castigo; a vida, uma labuta; a morte, uma necessidade!

[22] Doutrina moral que considera o prazer a essência da felicidade. A argumentação em que assenta parte da verificação espontânea de que todo o ser tende por instinto a evitar a dor e a procurar o prazer, para daí concluir que a fuga de uma e a busca do outro constitui o móbil determinante de toda atividade não só animal como também do homem. Hedonismo (verbetes) in *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa/São Paulo: Verbo.

mundo perfeito, onde não viveríamos felizes, mas existiríamos tristes e sem sentido de vida. É o que afirma:

> Que se transfira o homem a um país utópico, em que tudo crescesse sem ser plantado, as pombas revoassem já assadas, e cada um encontrasse logo e sem dificuldade sua bem-amada. Ali em parte os homens morrerão de tédio ou se enforcarão, em parte promoverão guerras, massacres e assassinatos, para assim se proporcionar mais sofrimento do que o posto pela natureza. Portanto, para uma tal espécie, como a humana, nenhum outro palco se presta, nenhuma outra existência. (SCHOPENHAUER, 1999, p. 279).

Diante disto, surge a indagação, se a vida converge necessariamente para o findar da existência, esta é a mais segura certeza que podemos ter com relação ao destino que nos espera. Além disso, compara a vida a uma bolha de sabão que sopramos animadamente apesar de ter a certeza de que irá estourar. O motivo de que, para ele, o suicídio apresenta-se como um remédio para a "doença" que é a vida, mas como a tentativa de negação da vontade é inútil e tolo, pois o real objetivo do suicida é pôr fim ao sofrimento, já que se pudesse viver de outro modo, assim o faria. É praticamente impossível alguém pôr fim à própria vida se não estiver diante de uma situação insuportável, ou sem saída.

Todavia, o suicídio não pode ser solução para coisa alguma, pois a morte não é um aniquilamento absoluto, mas um último ato de valente afirmação da vontade, a qual o suicida acredita estar destruindo juntamente com seu corpo, mas permanece intacta. Segundo Schopenhauer, aí reside o erro do suicida: ele toma o fenômeno que mata, pela *coisa-em-si* que é indestrutível e por isso não conseguirá acabar com ela, de modo que se pudesse refletir minimamente não cometeria suicídio.

Em seu principal conceito filosófico, Schopenhauer descreve que tudo no ser humano é representação da vontade, sobretudo, por indivíduos que são constituídos por uma dualidade de vontades: a de vida e a de morte. Nessa dicotomia existencial, pode-se encontrar um grande desatino só em deparar-se com a possibilidade de existir um mundo perfeito e sem sofrimentos. Isso lhe seria imaginável, ou ainda que esse existisse, o tédio geraria ainda mais mortes e males do que o que vemos ao redor. É por viver em um mundo imperfeito, que o ser humano consciente do seu fim deseja encontrar meios que o levam a fugir de ao menos pensar que irá morrer, por isso encontra nas artes, como no geral, construir algo belo que perpetue a sua memória. Nesse sentido, surgiram todas as obras de arte que temos, como esculturas, quadros, expressões múltiplas, que tem a pretensão de tornar imortal a memória dos seres finitos que as produziram.

Assim, marcados por um selo de finitude é que se faz necessário, preparar-se da melhor forma para o momento final. Não é justificável, por isso, o medo paralisante diante do fim que

se explica segundo Schopenhauer (1999, p. 258), "por compreender que tudo que vive deve expiar sua existência, primeiro na vida e depois na morte". De forma simplificada, quando vivemos a existência, é como se tivéssemos adquirido uma dívida. Essa que se prolonga ao longo dos dias e que podemos quitar um pouco diariamente, vivendo integralmente o momento presente e aceitando as dores que a vida nos dá. Contudo, acertaremos totalmente essa dívida no último momento da nossa existência quando não mais endividados seremos.

Nesse contexto, o autor inicia o seu escrito subdividido com o título: "metafísica da morte" com a importante afirmativa de que a morte é o gênio inspirador da filosofia e que dificilmente se teria filosofado sem ela. Poderíamos ir além e afirmar que tudo de belo produzido pela humanidade ao longo dos tempos é fruto de uma consciência do fim. Esse gênio impele os indivíduos que sabem da brevidade de suas vidas a construir, pensar e fazer verdadeiras maravilhas, obras artísticas fabulosas. Basta olhar para a história das civilizações e com destreza encontrar-se-á em cada cultura e lugares uma infinitude de belezas fruto do sentido da morte e das reflexões que existiam sobre essa se o ser humano não tivesse por certo o seu fim, para quer deixar algo para a posteridade, como pode-se notar em tantos lugares do mundo em tempos distintos.

Essa consciência, porém, não existe em um ser irracional como os animais, é algo próprio do ser humano:

> O animal vive sem conhecimento verdadeiro da morte: por isso o indivíduo animal goza imediatamente de todo o caráter imperecível da espécie, na medida em que só se conhece como infinito. Com razão apareceu necessariamente entre os homens, a certeza assustadora da morte. Mas, como na natureza, a todo mal sempre é dado um remédio, ao menos, uma compensação, então a mesma reflexão, que originou o conhecimento da morte, ajuda também nas concepções *metafísicas* consoladoras, das quais o animal não necessita, nem é capaz. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 59)

Conforme essa afirmação, faz-se necessário aqui, antes de tudo, uma distinção ainda que breve, entre o animal e o ser humano porque cada um tem sua peculiaridade diante da morte. O primeiro embora desprovido de racionalidade, foge, treme e procura esconder-se pelo simples fato de ser pura vontade de vida. Portanto, lhe é inato[23] o cuidado com sua conservação e a precaução angustiante na qual tem em colocar a sua prole e a si mesmo em segurança.

Os animais vivem como se não fossem morrer, muito embora já nasçam com o medo da destruição, que não é meramente um evitar a dor e o sofrimento, pois está sempre a fugir da menor ação que lhe pareça institivamente perigosa, ainda que destinado a não ser mais, quer sempre driblar o momento final, quer ganhar tempo. Entretanto, o animal não tem a capacidade

[23] Que pertence ao ser desde o seu nascimento; inerente, natural, congênito.

de reflexão sobre a vida e a morte, mas traz consigo, *a priori*, o instinto que nega a morte e deseja somente a vida.

O homem, dotado de inteligência, conseguiu intuir por meio da experiência que tudo o que tem um início se desenvolve e chega a um fim natural. Logo, não seria diferente com a raça humana, pois ao experienciar o falecimento de familiares, amigos ou conhecidos, constata-se que é um ser finito e destinado a findar. O apego sem limites à vida, transformou a morte como sendo o maior de todos os males e a pior ameaça à existência humana. Pior quinada quando se trata de uma morte repentina, inesperada. Se é que podemos dizer que existam esse tipo, pois o momento ultimo da existência será sempre uma surpresa.

Para o homem, não dado a reflexão, nada supera a angústia de saber que por mais rico que seja, ou por mais talentos que possua, não tardará a hora de não mais existir. Todavia, Schopenhauer nos previne para não cairmos nos extremos precisa-se encarar o fim sempre na busca de um equilíbrio porque "a concepção de morte como aniquilação absoluta e a hipótese de que, por assim dizer, somos imortais em carne e osso. Ambas são igualmente falsas", (SHOPENHAUER, 2000, p. 61).

Percebemos a obstinação que existe nele para retirar da "morte" o peso que lhe fora empregado, embora seu pensamento seja visto como pessimista. O problema não está na compreensão dele sobre essa temática, mas na má interpretação que muitos fazem de seus escritos filosóficos. Ele está convencido de que a morte não deve ser temida, mas também não é ingênuo de afirmar que não morreremos ou que não sentiremos medo diante da possibilidade concreta do findar da nossa existência humana, não obstante a morte, para ele, é do fenômeno e não do essencial do nosso *ser-em-si*.

Um fato concreto é que do século XIX, onde viveu nosso pensador, para o século XXI ao qual estamos inseridos, aconteceram muitas mudanças significativas como uma distorção do significado da morte e uma polarização da mesma, mas diante desse assunto paradoxal, que é o pensamento schopenhaueriano, propomo-nos a refletir e descrever sobre a falta de consciência como um fator importante para a legitimidade da findar.

3.1 A morte como perda da consciência

Quando se trata da morte, a humanidade de diversas formas tem encontrado dificuldade de lidar com esse tema. Diferentemente de todos os filósofos que dissertaram sobre o assunto, Schopenhauer se destaca ao trazer de um modo que lhe é peculiar o pensamento metafísico, que deseja quebrar com os paradigmas culturais que foram construídos e que impedem as pessoas

de falarem, escutar ou negar a própria vivência da morte e, consequentemente, do luto. O seu pensamento é todo formado por uma teoria da vontade e tudo aquilo que é objetivado é fruto dessa, que se representa na *coisa-em-si*[24] do mundo.

Tendo em vista essa vontade cega e indomável, o homem é conduzido na direção do seu fim, que só é entendido como um fim pelo uso que esse faz da reflexão e de uma consciência pensante. Assim, faz sentido o que destaca Schopenhauer (2000, p. 67): "é obviamente absurdo considerar o não-ser como um mal; pois cada mal, como cada bem, tem a existência por pressuposto, e até mesmo a consciência; essa, entretanto, cessa com a vida".

Ao morrer, a primeira coisa que se perde é a consciência. E se isso acontece, desencadeia um emaranhado de perguntas que estão ainda ligadas sobre o medo da morte. Ou como diz Epicuro (341 – 270 a. C)[25]: "a morte não nos concerne", parece-nos claro que quando a morte é, nós, porém, não somos e quando nós somos, a morte não pode ser.

Logo, não há razão para angustiar-se, pois estamos a caminho de um retorno ao que não éramos em nossa pré-existência. Podemos inferir que ao pensar na perda da consciência, nos remetemos a anterioridade da vida, quando não éramos conscientes como somos hoje e que voltaremos a não ser em breve por meio da morte:

> Se o que faz a morte parecer-nos tão horrível fosse o pensamento do não-ser, então teríamos de pensar, com calafrio igual, no tempo que ainda não éramos. Pois é incontestavelmente certo que o não-ser após a morte não pode ser diferente daquele anterior ao nascimento e, portanto, não é também lastimável. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 65).

Quando a consciência existe, é sinal da vivacidade do nosso ser, ao passo que o contrário é a certeza de que estamos falecidos. É certo que um tempo infinito existiu antes do nosso nascimento e que nos parece um tanto inquietante pensar que o espírito humano, diante das possibilidades que tem em fazer belas declarações e ter pensamentos tão elevados, também chegue ao ponto de perder a consciência e descer ao túmulo. De sorte para Schopenhauer, essa vida que é um grande mal, encontra na morte um grandíssimo bem. A hora do nosso momento final, nem dor sentiremos, pois, a falta dos sentidos nos poupará de sofrer, visto que de sofrimento basta o viver.

---

[24] O filosofo Immanuel Kant fez a distinção: daquilo que se mostra para nós, os fenômenos; o que não se mostra para nós, a *coisa-em-si* mesma. Para além dos fenômenos encontramos a decifração do enigma, da essência do mundo: a Vontade... Onde Kant recuou, Schopenhauer seguiu adiante.

[25] Epicuro de Samos foi um filósofo grego do período helenístico. Seu pensamento foi muito difundido em numerosos centros epicuristas que se desenvolveram na Jônia, no Egito e, a partir do século I, em Roma.

Percebe-se que não se teme a morte pelo fato de ser o fim da vida, mas antes por ser a destruição do nosso organismo que é o local onde repousa toda a nossa vontade de vida. Por isso, para Schopenhauer, a morte concerne apenas à consciência ou como temos dito: a morte consiste apenas no momento do desaparecimento da consciência, ou seja, na medida em que nosso cérebro cessa a sua atividade natural.

Esse processo objetivo de finitude pode ser comparado com o sono. Para Schopenhauer (2000, p. 69), "sem dúvida, assim como o sono é o irmão, o desmaio é gêmeo da morte". Essa perda da consciência se assemelha ao momento do sono e melhor ainda é percebido em um desmaio, no qual a transição não é tão gradual e nem intermediada por sonhos, mas desaparece a plena consciência em primeiro momento, seguido da perda dos sentidos, sobretudo, o da visão e depois culminando com a profunda ausência da consciência. Nesse momento, não é perceptível nenhuma dor ou sofrimento:

> Também a morte violenta não pode ser dolorosa; mesmo feridas graves via de regra quase não são sentidas, mas só depois de algum tempo, e frequentemente só são notadas por seu aspecto exterior: elas são rapidamente mortíferas; assim a consciência desaparecerá antes dessa descoberta. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 69).

Tendo agora em vista que a perda da consciência retira todo e qualquer possibilidade de sofrimento físico, podemos assim perceber que todo o cessar do processo vital humano tem de ser de forma natural para sua própria força motriz. Trata-se de um feliz alívio e que justifica para Schopenhauer a expressão de doce contentamento encontrado na fisionomia na maioria dos defuntos. Em outras palavras, o que queremos dizer é que não há o que temer diante da morte, pois em geral esse instante deve ser concebido por nós enquanto conduzidos pelo pensamento schopenhaueriano, que o instante da morte pode ser semelhante ao acordar de um grande pesadelo, isto é, um momento libertador.

O que resulta até o presente momento e estamos de forma exaustiva querendo sustentar é que existe todo esse peso no que toca ao fim da nossa existência material. E a morte por mais temida que seja, não pode ser propriamente mal algum, mas pelo contrário, se mostra como um bem. Sem contar que não existe um motivo realmente inteligente para gastar tantas forças em nutrir tamanho pavor da morte, haja vista que aquilo que logo passará, jamais merecerá um esforço sério. Já é possível vislumbrar que para o filósofo, a vida é um erro e a existência em si não existe valor algum. A morte é, por conseguinte, uma cura para os males da vida. De forma mais profunda, somos algo que não deveria ser e, por isso mesmo, deixaremos de ser um dia.

Dessa maneira, o saber da morte é o preço que pagamos pela nossa inteligência e, por isso, a consciência é como um ciclo constante, onde o fim é uma realidade essencial nesse movimento. Faz-nos encarar a morte de frente, imbuídos da firme convicção de que é preciso morrer para que a vida continue. É necessário que um saia para que outro entre. Essa afirmativa parte da influência oriental que tanto o perpassa e o faz descrever a morte como o pôr-do-sol, que deixa de aparecer no horizonte, mas ao mesmo tempo nasce um outro sol em algum lugar. O saber que a morte existe é preço que devemos pagar por sermos pessoas dotadas de inteligência, entretanto essa é uma amiga bem-vinda.

3.2 A morte como uma realidade metafísica

Após uma análise da morte como um acontecimento para além da vida, justamente porque não se vive a morte, de forma que quando a morte se faz presente, a vida se ausenta. O autor de metafisica da morte, apresenta essa vida como uma junção de pranto, dor e aborrecimentos e se fosse possível viver para sempre, seria uma eterna repetição dos mesmos erros e das mesmas dores. Por isso, ele enxerga o momento final da existência humana como uma realidade consoladora o que nos convida a olhar para além do que nossa pobre matéria é capaz de apreender.

Se na vida tudo é vontade e representação, na morte nos deparamos com o consolo mais importante, que é o lado positivo da vontade, essa é a nossa essência indestrutível, na qual a morte não pode tocar ou afetar. Saber disso deveria soar como um prêmio de consolação. Ela é anterior a nossa existência e também posterior a ela, por essa razão podemos dizer por sua visão de tempo, no sentido empírico, que a morte é uma mera ilusão do intelecto e por isso dizemos que ao morrer o meu eu, desaparecerá para sempre e só o mundo continuará a existir. Do contrário, o mundo não está menos em nós do que nós nele e, por isso, não se pode pensar a *ser-em-si* sem o sujeito:

> A partir do fato de que existimos agora, segue-se, pensando bem, que temos de existir para sempre. Pois nós mesmos somos o ser, que o tempo acolheu em si para preencher o seu vazio: por isso esse ser preenche todo o tempo, presente, passado e futuro, de igual modo, e nos é tão impossível sair da existência quanto do espaço. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 106)

Quem concebe a existência como algo meramente casual, justifica por meio desse pensamento o pavor em perdê-la. Ao contrário, quem entende que ela repousa numa certa necessidade originária, não acreditará que esta, ao ter produzido tantas coisas maravilhosas, seja limitada a um curto espaço de tempo, mas antes que essa como existia antes, também se

prolongue para sempre. Para uma melhor compreensão desse complexo raciocínio, Schopenhauer, influenciado pela filosofia kantiana faz a diferenciação entre o *ser-em-si* e o fenômeno.

O termo fenômeno tem um significado específico na filosofia de Kant o qual contrastou com o termo "Nómeno".[26] Os fenômenos são a percepção humana do mundo, ao contrário do mundo tal como existe independentemente da percepção humana (das *Ding an sich*, "a coisa em si"). Segundo Kant, os seres humanos não têm como saber da essência das coisas em si mesmas, apenas das coisas segundo o raciocínio lhes permite viver por meio da experiência. Ao passo que, ao *ser-em-si*, são as coisas que existem, mas não podem ser experimentadas pelos seres humanos, pois não são apreendidas em uma totalidade. Ou seja, é algo que existe por si próprio, independentemente de o sujeito perceber sua existência tornando-o um objeto.

> Ora a morte é o fim temporal do fenômeno temporal: mas, assim que descartamos o tempo, não há mais fim, e esta palavra perde todo o seu significado. Todavia, estou agora empenhado em demonstrar, pela via objetiva, o lado positivo da coisa, a saber, que a coisa-em-si permanece imune ao tempo e àquilo que só é possível por ele, o nascer e perecer, e que o fenômeno no tempo não poderia nem sequer possuir aquela existência incessantemente fugaz e próxima ao nada, caso nele não existisse um núcleo de eternidade. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 96).

Em Schopenhauer, percebemos que a única coisa que pode ser destruída é o fenômeno. No caso aqui, o corpo material. Ao passo que a *coisa-em-si*, já diferenciada acima, como a essência, essa que não conseguimos acessar plenamente por ser uma realidade para além do material, é indestrutível. Imbuído do pensamento oriental, platônico e kantiano, surge em destaque o metafísico. O termo é usado para falar da *coisa-em-si* que é para ele a mesma coisa de o *ser-em-si*, isto é, da coisa em sua existência pura independentemente de qualquer representação.

A morte não é um obstáculo, embora diante desse mistério quase sempre seja considerada o mal maior. Milhares de homens e mulheres já partiram, mas o sucumbir desses milhares de seres humanos, enquanto "fenômeno", não afetou a ideia da humanidade. Essa não foi nem minimamente turvada por todas as mortes. Pelo contrário, toda a raça humana enquanto *ser-em-si*, permanece, tão fresco e forte como se esse dia fosse o seu primeiro e nenhum pudesse

---

[26] Número (do grego νοούμενον) é um objeto ou evento postulado que é conhecido sem a ajuda dos sentidos. Na filosofia antiga, a esfera do número é a realidade superior conhecida pela mente filosófica. Também pode ser entendido como a essência de algo, aquilo que faz algo ser o que é. O termo é geralmente usado em contraste ou em relação com fenómeno, que em filosofia se refere ao que aparece aos sentidos, isto é, é um objeto dos sentidos. Platão utilizou esse conceito para se referir ao seu mundo das ideias.

ser o seu último e em seus olhos permanece o princípio originário e indestrutível que é a vontade de vida.

Podemos então nos questionar: o que morreu mediante aqueles milhares no decorrer dos tempos? O certo é que não foi o homem, pois este está ileso diante de nós, mas só sua sombra, a sua cópia como dizia Platão[27] no modo de conhecimento ligado ao tempo. Falamos de uma indestrutibilidade da alma, não do corpo, onde na medida em que a morte aniquilava os indivíduos, a procriação gerava outros. De forma a concluir que muitos homens já morreram, mas a espécie humana permanece indestrutível, por certo, não seremos os últimos a termos o nosso fim material, mas tantos outros no futuro morrerão e por certo a nossa espécie permanecerá nas novas gerações.

Entende-se que somos unos com o mundo, muito mais do que pensamos ou estamos acostumados, de sorte que a sua essência mais profunda é nossa vontade e seu fenômeno a nossa representação. O resultado que temos buscado compreender até aqui se sintetiza e resulta no fato: o tempo, no qual não serei, chegará objetivamente, mas subjetivamente nunca poderá chegar. Assim, podemos entender o que disse Schopenhauer (2000, p. 103): "a alma em mim veio de algo; por isso ela não irá para o nada: já que ela vem de algo." Logo devo retornar para o lugar de onde veio, esse por certo está para além do mundo físico.

Consideremos que o problema descrito até o presente momento é transcendente. Nesse sentido, o deixar de existir permanece um mistério. Schopenhauer afirma que o homem, enquanto fenômeno, é perecível, embora o seu *ser-em-si* não o seja. Com a morte, perde-se de fato a consciência, mas não se perde aquilo que a produziu e a manteve, pois é uma realidade imaterial e consequentemente indestrutível.

A vida se extingue, porém não se extingue com ela o princípio de vida, que nela se manifestou. Por esse motivo, vivemos fugindo e evitando a morte, dado que existe dentro da humanidade um seguro sentimento de cunho metafísico que lhe faz acreditar ser absolutamente imperecível. No entanto, o que seja esse imperecível não poderíamos dizer com clareza, pois trata-se da *coisa-em-si*. O que se deve ter presente na mente é que a transitoriedade da vida e sua fragilidade deve levar a um pensar sobre a importância de que em breve deixaremos de ser:

> No fundo somos algo que não deveria ser e, por isso, deixamos de ser. - O egoísmo consiste em verdade no fato de que o homem limita toda a realidade à sua pessoa, pois

[27] Platão diz que a alma traz consigo desde o seu nascimento um conhecimento prévio, *a priori*, que lhe permite a identificação do objeto, o chamado conhecimento inato. Tais conhecimentos são as ideias ou formas, que residem no mundo inteligível, fora do tempo e do espaço. Os objetos do mundo comum organizam suas estruturas conforme essas ideias ou formas primordiais, mas não são capazes de revelá-las em sua plenitude, sendo apenas imitações e cópias imperfeitas.

> presume existir apenas nesta, não nos outros. A morte o ensina algo de melhor, ao suprimir essa pessoa, de modo que a essência do homem, que é a sua vontade, doravante viverá apenas nos outros indivíduos, enquanto o seu intelecto, que pertencia apenas ao fenômeno, ou seja, ao mundo como representação, e era só a forma do mundo exterior, subsiste justamente no ser-representação, isto é, no ser *objetivo* das coisas enquanto *tal*, portanto, também só na existência do mundo exterior. (SCHOPENHAUER, 2000, p. 137).

Percebemos que a morte rompe quaisquer vínculos, tornando a vontade livre. Como essa vontade é de vida e afirma-se em todos os seres vivos, que ao morrer e vir a perder a sua individualidade, obtém outra, essa que se mantém para sempre. A reposta, por certo, mais coerente à questão da morte enquanto uma realidade metafísica para Schopenhauer, encontra-se no cessar e persistir, a qual justamente aqui se mostra particularmente fértil e rica de consequências, pois substitui dogmas que por uma ou outra via pode levar a absurdos, pondo de lado de uma vez a mais excitante de todas as questões: a compreensão metafísica do assunto aqui abordado, ainda que não tão simples, é a única verdadeira e suficiente.

Continuaremos em nosso terceiro e último capítulo descrevendo em que pode o autor de tão nobre pensamento filosófico, nos ajudar a superar o fim de outrem e a viver bem o processo do luto e da elaboração do sentimento de perda ou do vazio que se instaura quando se morre alguém que amamos. Contudo, sempre tendo por certo que não estamos descrevendo a morte como um ponto final, mas sim, como um ponto seguido, pois é na raça humana que se prolonga a existência, outrora julgada morta pelo simples fato de ter chegado a um fim existencial. É hora de pensar na morte, pois só por esse caminho a sociedade poderá dar respostas mais eficazes para o momento final pessoal ou de outrem.

4. A IMPORTÂCIA DE REFLETIR SOBRE A MORTE NA ATUALIDADE

Parte-se do princípio de que sem uma reflexão cada vez mais constante, não venceremos o medo que existe dos últimos momentos da vida, visto que pouco se pode amadurecer na aceitação e no enfretamento dessa temática. Assim, queremos ao analisar-se-ão o processo constitutivo do conceito da morte, interligados pelo capítulo anterior, depois descrever como ao longo do tempo os filósofos se debruçaram em refletir sobre as realidades últimas da vida humana.

Ao olhar para os escritos filosóficos que abordam e refletem a finitude humana, faz-se necessário perceber que há outras formas de pensar o morrer que corroboram com a ideia do autor da metafísica da morte. Podendo questionar: o que é de fato a morte? Existe uma resposta fechada para essa questão singular? O certo é que se propõe iluminar a compreensão desse caminho ao qual convergimos:

> A morte só existe na relação da existência da vida. Somente no existir é que se pode dar o ato de morrer; nesse sentido, existem uma relação direta da morte com a vida, da morte tal qual um elemento intrínseco ao próprio existir da vida. No entanto, a existência não se encontra na relação direta com a morte, pois o existir eterno como o imortal não se relaciona a ela. Contudo, a imortalidade do homem precisa passar, necessariamente, pela morte. (CARVALHO, 2019, p. 223)

Com efeito, é por que se vive, que se pensa o não mais viver, nisso está a importância e a dignidade de se fazer refletir sobre a morte, essa atitude consiste em um desabrochar natural no interior da existência. Assim, a primeira forma que os nossos antepassados buscaram para compreender o final de sua existência material foi por meio da utilização de mitos, esses que se mostraram em dado momento como eficazes para responder à questão antropológica do findar da vida.

O mito tem a sua origem na tentativa de dar respostas as interrogações que sempre acompanharam a humanidade no decorrer da história. Como por exemplo: "de onde vim?" "para onde vou?". Essas perguntas sempre moveram o ser humano diante do absurdo da sua existência. Essas questões essencialmente filosóficas como: "O que é?", "Como é?" e "Por que é?" advém das questões anteriores, o que permite buscar respostas para o mistério que envolve a existência humana.

Segundo Jaeger (1995, p. 191), "o mito está mergulhado em uma autonomia da razão, e ao ser criado traz significados ao mundo manifesto nos fenômenos da natureza, no universo externo e ao mesmo tempo dá sentido ao mundo intelectivo de um universo interno, tendo como

referência o "eu"." Todo esse contexto mítico remonta a uma época em que a escrita não era tão aprimorada e, por essa razão, era difundida por meio da oralidade.

Uma das principais características dessas narrativas é a função de explicar e organizar a realidade pretendendo tornar mais claro um ou mais fenômenos que influenciam a vida. Os eventos que ocorriam diariamente espantavam as pessoas e exigiam explicações sobre o que de fato poderiam entender do seu momento final. O pensamento arcaico encontrou na morte um significado pessimista como podemos perceber no que descreve o dicionário de símbolos:

> "A morte designa o fim absoluto de qualquer coisa de positivo: um ser humano, um animal, uma planta, uma amizade, uma aliança, a paz, uma época. Não se fala na morte de uma tempestade, mas na morte de um dia belo. Enquanto símbolo, a morte é o aspecto perecível e destrutível da existência. Ela indica aquilo que desaparece na evolução irreversível das coisas (...) Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova (...) os místicos, de acordo com os médicos e psicólogos, notaram que em todo ser humano, em todos os seus níveis de existência, coexistem a morte e a vida, isto é, é uma tensão entre duas forças contrárias." (CHEVALLIER, 2003, p. 621).

Desse modo, a morte foi traduzida como um grande mal e com o tempo é natural que aconteça uma transformação do pensamento. O avanço na racionalização proveniente dos estudos filosóficos levou o ser humano a um êxodo do mítico para o conceito, dando lugar à reflexão os filósofos que buscaram pensar e escrever sobre a morte por um caminho racional, conduzindo, em sua grande maioria, a uma percepção do fenômeno por uma visão mais otimista da morte como, por exemplo, Epicuro (341 – 269 a.C.)[28] que afirmava:

> Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo portanto quem diz ter medo da morte, não porque a chegada lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto estás sendo esperado. (EPICURO, 2002, p. 26-27).

Nota-se que para Epicuro a morte não era nada, pois quando nos dissolvemos não temos mais sensibilidade e sem essa não nos resta nada. Haja vista que o maior objetivo da vida é a felicidade e a dificuldade em alcançá-la nada mais era do que o medo da morte. Medo esse que faz as pessoas viverem paralisadas pela certeza do fim, acabam-se por isso não vivendo bem. O que de certo retira todo o significado e sentindo da existência humana que deve ser vivenciada de forma integral, quer seja na vida, ou na morte.

---

[28] Foi um filósofo da Grécia Antiga e fundador do "Epicurismo", um sistema filosófico que proclama o prazer obtido mediante a prática da virtude como o único bem superior do homem.

Por isso, buscou reduzir a morte a um mero evento cotidiano na busca de diminuir o máximo possível do sofrimento e logo levar a pessoa a focar e experimentar a felicidade. No entanto, a interpretação conformista da morte dada por ele não pode levar uma pessoa à plena felicidade, pois esta acabará sendo construída a partir da submissão ao sofrimento no que tange ao fim existencial.

Para Sócrates (470 – 399 a.C.)[29], o evento da morte era interpretado como um episódio que deveria ser encarado com seriedade, uma vez que a morte não tem qualidades positivas e nem negativas, portanto, agir com destempero e revolta com relação a mesma é, na sua visão, um não agir com sabedoria. Ocorre que a intelectualidade leva a uma superação do falecimento como um problema já que para Sócrates a morte não é maligna, tendo em vista que não se sabe o que há de concreto no pós-morte. Se alguém sofre, é quem perde seus entes queridos. No entanto, se os que ficam conseguirem encarar com serenidade e racionalidade tal situação, é possível superar sem maiores dificuldades e nisso é concorde ao pensamento schopenhaueriano já descrito no capítulo anterior.

O filósofo Platão (428-347 a.C.)[30] em seu diálogo denominado Fedon[31], o conceito de imortalidade da alma é assegurado, o qual através de Sócrates coloca a alma definida não como um ser espiritual, e sim como o indivíduo singular que é ele próprio, responsável por sua morte. Sócrates sente-se alegre e confiante diante da morte, enquanto viveu, não deixando de se preparar para ela, impelido pelo desejo de perdurar na eternidade.

Em Platão (1997, p 76). Observamos que o filósofo não deve temer a morte, como também não deseja fazer apologia ao suicidar-se, contudo, quer destacar que senão se aprender a morrer não conseguirá por consequência filosofar. Daí, que para ele a morte é compreendida com libertação. O pensamento platônico no Fédon, leva a refletir sobre o apego em demasia à vida e o medo de morrer. Ao passo em que justifica o fim do autor, que não desejando passar por escravo, escolher a morte diante de uma vida de tortura, diante da finitude que se faz iminente nas mãos do algoz, já em meio a velhice, afim de não perder a honra, o melhor caminho é facilitar e abreviar o momento que se aproxima, por meio do recurso mais rápido e que se

---

[29] Foi um filósofo ateniense do período clássico da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da filosofia ocidental, é até hoje uma figura enigmática, conhecida principalmente através dos relatos em obras de escritores que viveram mais tarde, especialmente dois de seus alunos, Platão e Xenofonte, bem como pelas peças teatrais de seu contemporâneo Aristófanes.

[30] Grande filósofo e matemático, autor de diversos diálogos filosóficos e fundador da Academia em Atenas, a primeira instituição de educação superior do mundo ocidental. Ele é amplamente considerado a figura central na história grega antiga e da filosofia ocidental, ele ajudou a construir os alicerces da filosofia natural, da ciência e da filosofia ocidental.

[31] É um dos grandes diálogos de Platão (em grego: Φαίδων, transl. Phaídon) de seu período médio. Fédon, retrata a morte de Sócrates, também é o quarto e último diálogo de Platão a detalhar os últimos dias do filósofo. O tema principal da obra é considerado ser a imortalidade da alma.

mostra mais digno. Trazendo assim ao seu pensamento uma intensa luminosidade de ideias, estas que incandesceram a filosofia do ocidente e influenciou Schopenhauer.

Por sua vez, o pensamento de Montaigne (1533 – 1592)[32] compreende que a filosofia é aprender a morrer, ou seja, filosofar é se preparar para a morte. Ocorre que o estudo e a contemplação retiram a alma do corpo e acaba se constituindo um aprendizado da morte ou uma fuga dela. O filósofo entende que o ser humano possui pavor da morte por não saber como lidar com ela. No entanto, ocupando-se da filosofia, entenderiam que a morte é o tempo e lugar. É um fato impossível de se esquivar e, portanto, o que se deve ter é uma vontade de viver bem, pois é isso que determinará o fim de cada pessoa. Segundo Montaigne (1991, p. 38), "a utilidade do viver não está na duração, está no uso de que dela fizemos". Assim, não importa o número de anos vividos e sim, termos vivido o bastante conforme a nossa vontade, tendo uma vida feliz para possuir uma morte de igual maneira.

Com Sartre (1905 – 1980)[33], ao descrever sobre o fim da existência humana, tanto a morte como a sua existência é um absurdo. Ele tem uma visão pessimista, pois embora se tenha projetos e sonhos, se tem a consciência da morte, então porque buscar alcançar os sonhos se um dia se deixará de existir? Para Sartre (1999, p. 652), "a morte como fim da vida interioriza-se e humaniza-se; o homem já nada mais pode encontrar senão o humano; já não há mais outro lado da vida, e a morte é um fenômeno humano, fenômeno último da vida, mas ainda vida". Logo, existir não é necessário e, sim, simplesmente estar presente até porque a própria existência física chega a ser ignóbil e medíocre.

Diante desses grandes nomes da história da filosofia, percebe-se diferentes perspectivas sobre a morte que, por vezes, se assemelham ou não com o pensamento schopenhaueriano. Por conseguinte, há uma forte influência com seus escritos sobre a morte. Eles, a seu modo e em suas respectivas épocas, se debruçaram sobre o enigmático tema e objeto de nosso estudo e motiva a proposta da pesquisa que ora se apresenta de não se distanciar do sofrimento ocasionado pela morte, mas compreender o momento final da existência que é rejeitado a todo custo e, por isso, banalizado como uma realidade que parte dos nossos diálogos e pensamentos, pois só desse modo é possível fazer uma experiência serena quando a morte bater à porta. Propõe-se a continuar descrevendo sobre a visão hodierna da morte.

---

[32] Foi um jurista, político, filósofo, escritor, cético e humanista francês, considerado como o inventor dos escritos intitulados de ensaios. Em suas obras analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo.

[33] Um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. Acreditava que os intelectuais têm de desempenhar um papel ativo na sociedade. Era um artista militante, e apoiou causas políticas de esquerda com a sua vida e a sua obra.

4.1 A banalização da morte na sociedade atual

Mesmo considerando a morte como uma temática complexa, o ser humano dotado de consciência tenta a todo o custo não refletir o seu fim por não se conformar com a dor, com o sofrimento e a perda que o falecimento causa. É necessário, de fato, conhecer algumas definições inadequadas como formas de negar, fugir e remover o fenômeno da morte comumente transmitidos nos dias de hoje.

Segundo a enciclopédia luso-brasileira de filosofia (1991, p. 990), há um retorno a antiga fórmula greco-sócratica, apresentando como a separação da alma e do corpo. Conceito metafísico que tem sua base no senso comum, visto que no discurso popular quando o corpo humano morre, este é observado por todos como sem vida. No entanto, esse entendimento tende a cair em uma interpretação antropológica dualista, mesmo aceitando a imortalidade da alma intelectiva separada do corpo.

Uma segunda definição inadequada é a que se prende por uma dicotomia natural e antinatural que questiona se a morte é algo natural ou antinatural. Se por uma perspectiva a morte é vista como algo super natural, como sendo o oposto do nascimento e o término do ciclo vital do ser vivente, por outro lado é vista com aspectos trágicos, violentos que rompe e traz pena. As duas formas descritas não são esclarecedoras no contexto filosófico, impendido de certa forma a apreensão do problema basicamente humano. Estes pressupostos dizem mais respeito a uma natureza humana abstrata que não compreende o ser no mundo como aquele que vive com e para os outros na incessante busca por um sentido.

Estes preconceitos estão ligados a algumas formas usuais de entender a morte entre antigas e novas. Destarte, todas apontam para um distanciamento desse fenômeno pelo menos implicitamente. Talvez por ser o contrário da vida, e como o homem não pode livrar-se, esse então deseja e faz o quanto pode para erradicá-la do seu pensamento. O ser humano, é, contudo, o único que tem consciência de si, justamente por isso também se vê consciente de sua finitude. O morrer físico é uma certeza que o acompanha em seu itinerário e não se pode continuar no negacionismo, haja visto que até realidades superiores em todos os aspectos ao homem estão destinadas ao fim, o que se pode afirmar:

> Até o universo, composto por ricas galáxias, com uma imensidão de estrelas, asteroides, poeira, planetas, também estão condicionados a uma existência finita. Tudo na vida surge, desenvolve-se, cresce, organiza-se, multiplica-se, reorganiza-se, explode, renova-se, implode e chega ao fim ou transforma-se em algo no Cosmos. (OLIVEIRA, 2005, p. 8).

Diante do exposto, verifica-se que a concepção da morte deixou de ser micro e tornou-se macro. Ainda que seja um tema marginalizado e gerador de conflitos, mas a ideia principal que se pode extrair nos dias de hoje, ao refletir sobre o fim, é de que se deve viver com intensidade sem pensar na sua extensão. Em contrapartida, uma reflexão sobre o fenômeno da morte tem sido colocada em último lugar. Como acredita-se que não se sabe viver bem, também não há uma preparação para morrer. A busca de vida eterna no mundo moderno criou uma imagem imortal do homem mortal que foge de tudo o que se mostra finito, mas é preciso enfrentar a realidade finita que se nos apresenta no cotidiano.

Carvalho (2019, p. 205) aponta que "a partir do século XX, a morte se tornou tabu. Deixou de ser mistério e passou a ser um problema, e, por isso, ela deve ser negada a qualquer custo. E acrescenta ainda que "aqui se faz a passagem da morte familiar para a morte tabu, do mistério para o ocultamento, do leito na casa para o leito da unidade intensiva de tratamento (UTI), do sentimento familiar à solidão", acontece um salto na concepção de morte do século XXI, reduzida ao ato de morrer por ele mesmo.

Enquanto no passado o problema era a morte repentina, a qual não permitia uma preparação adequada, hoje, com a banalização dos conceitos e inversões de valores todos os tipos são malignos e indesejáveis caracterizando uma crise atual de perceber a morte. "Por isso, faz-se necessário a intervenção metafísica que ressalta o sentido da morte como um evento e o valor da pessoa como um ser de dignidade" (Carvalho, p. 212-213).

Nesse sentido, destaca-se que é contra a dignidade humana deixar de pensar os últimos momentos da vida, tornando-se o retrato de uma sociedade do prazer. Contudo, se o mundo quis afugentar a morte, percebe-se que não deu certo. Os esforços feitos para não pensar a morte foram destruídos com a perda de tantas vidas pela pandemia que assola o mundo atual.

4.2 A visão da morte em tempos de COVID-19

Nos dias de hoje, onde o desejo dos seres humanos de serem eternos se intensificou. A sede de imortalidade que está presente em todas as culturas assim como o medo e uma junção de sinônimos de terror que perpassam a vida de todos fizeram prorrogar um pouco mais a vida. Mas por ser inerente a humanidade o findar, nossa biologia interrompe o ciclo natural ao qual vivemos, trazendo a consciência, que por mais segura que esteja a humanidade, o mal é suficiente para trazer uma nova visão sobre o fim e desequilibrar a utópica segurança que se pensa possuir.

Na história, a morte era algo comum, bem próximo das pessoas, pois essas eram preparadas desde cedo para encarar o momento do seu falecimento e de outrem. As crianças se faziam presentes em velórios e sepultamentos ou simplesmente acompanhavam ao pé da cama do moribundo seu findar ao lado de toda família reunida, motivando consequentemente uma vivência serena do processo de luto. Com o advento da modernidade, Moraes (2019, p. 41) descreve que "a perspectiva de duração média da vida praticamente dobrou desde o século passado. A doença e a morte já não são fatalidades: o ser humano está cada dia mais preparado para vencer enfermidades e para retardar a morte".

Com o avanço da ciência, especificamente, da medicina, da higiene e de uma melhor alimentação e consciência ambiental, o ser humano teve uma melhor qualidade de vida e também a grande esperança de partir o mais tarde possível. Nasceu assim a falsa esperança de eternidade aqui na terra que as pessoas do tempo moderno sempre buscaram. A sede de dominação do mundo encontrou grande força nos corações e mentes tornando possível estabelecer a certeza desse fator demográfico da longevidade como também o fator social que legitima a pseuda ideia de imortalidade: "com efeito, a civilização moderna não somente oferece ao ser humano a possibilidade de viver mais tempo, principalmente, de viver melhor, em comparação aos seus antepassados. Uma nova qualidade de vida é possível hoje", (Moraes, 2019, p. 48-49).

Quando tudo então parecia convergir para o prolongamento da vida e o distanciamento total do tema da morte que foi de certa forma relativizado, rejeitado e distanciando do meio cultural e das rodas de conversas, manifestou-se de forma singular, rápida e irreversível por meio de um mal vivenciado em tempos passados. Trata-se da pandemia do novo Corona Vírus[34] que chegou nos primeiros meses do ano de 2020, sendo a primeira dentro de um mundo globalizado com todos os requintes obtidos pelas tecnologias e comunicação pulsante:

> Quando está em curso uma pandemia como a que vivemos, em que a morte é uma possibilidade real e próxima, a cada momento o medo e o desespero tornam mais aguda essa pergunta fundamental e primordial. Trata-se de um agente invisível que penetra nos corpos humanos e os ataca interiormente, reduzindo-lhes as forças e desorganizando seus sistemas de funcionamento. Enquanto muitos se recuperam, outros muitos igualmente acabam morrendo. Sem distinção de classe social, tampouco idade. (PASSOS, 2020, p.199)

Testemunhas de um momento inédito da história da humanidade, o delicado contexto social, político e econômico, unido a pandemia, vitimou até o dia 07 de outubro de 2021,

[34] Vírus causador da covid-19.

segundo a ONU, 4,83 milhões óbitos em 196 países ocasionados pela doença. No Brasil, os números chegam a ultrapassar 600 mil mortes. Apesar da queda expressiva na média diária de óbitos, de 3,1 mil em abril, no pico da segunda onda, para menos de 500 atualmente, o Brasil já registrou 405 mil mortes por Covid-19 neste ano, mais do que Estados Unidos e Índia e quase o mesmo que todos os 27 países da União Europeia somados, fazendo com que o Brasil ainda seja o país com mais óbitos do mundo[35].

Os significados de um fato dessa natureza são muitos. Na sociedade da informação, adquirir dinâmicas próprias, seja pela pluralidade de leituras veiculadas, seja pela agilidade ou pelos efeitos diretos nas bolhas sociais constituídas pelas redes de comunicação, como também compreender o que aconteceu com o planeta como consequência imediata da contaminação provocada pelo Covid-19 são fundamentais. Sabe-se que seremos os responsáveis em narrar para as gerações futuras a experiência de viver uma pandemia mundial, de comtemplar uma significativa mudança histórica nas práticas e nas mentalidades individuais e coletivas no tocante a morte, que deixou de ser distante e se fez próxima.

Tomados pela incerteza e pelo luto que deixou em crise o mundo em termos globais, Meira (2020) descreve que se instaurou no mundo atual uma crise que: "significa separação, decisão, definição. A palavra grega *krísis* era usada pelos médicos antigos com um sentindo particular. Quando o doente, depois de medicado, entrava em crise, era sinal de que haveria um desfecho: a cura ou a morte". Para Barcelos (2020, p. 58), grande parte foi um sinal de morte que chamou atenção para o assunto que até um pouco de tempo antes, todos queriam evitar e era ignorado.

Como já se percebe, foram grandes as perdas. Todo esse emaranhado de dor e sofrimento no mundo fortaleceu ainda mais o pensamento de que caminhamos para a morte, como um fim em si mesmo. O que Schopenhauer e os outros pensadores já citados tentaram dizer, é que se faz preciso mudar a visão sobre o momento da morte. A solução é aproximar-se da certeza de finitude que envolve a humanidade, pois não é fugindo que o problema da mortalidade no contexto pandêmico irá ser extirpada da terra. Esse é o momento de tentar encontrar na realidade de medo e dor algo de positivo para que o encontro com a morte não seja apavorante, mas sereno, é o que descreve Moraes comentando a frase de um dos membros da escola epicurista:

> Nesse sentindo, é relevante a citação de Epíteto, um dos epicuristas do século I d.C., que escreve o seguinte: "A morte, o desterro de todas as outras coisas que nos inspiram

[35] *Cf:* <https://www.oficinadanet.com.br/coronavirus/30272-casos-coronavirus-mundo>.

> terror, devemos tê-los continuamente presentes (...) Dessa maneira, nunca teremos maus pensamentos e, muito menos, ambições excessivas". (MORAES, 2019, p. 51)

Pensando como Epíteto, pode-se olhar com esperança esse caos que se instaurou na pandemia. As milhares de pessoas que tiveram suas vidas ceifadas pela Covid-19 vivenciaram uma realidade desoladora, pois a morte em tempos de pandemia torna-se ainda mais dolorosa nos tira da realidade, que estamos acostumados a vivenciar no tocante ao luto. Os infectados pelo vírus saíram de casa sem nenhuma certeza se voltariam e a muitos não resistiram a esse vírus letal. A pessoa perde por um momento toda a dignidade, pois é tirado da família a possibilidade de enterrar o seu ente querido. A maioria é enterrado em sacos plásticos, onde não se tem a oportunidade de viver o momento da perda de forma integral, pois não se pode fazer o habitual velório, consequentemente, o momento do enterro é brevíssimo e sem nenhum contato, necessário no processo de elaboração da perda de quem se ama.

É uma partida triste que pode gerar, inclusive, dúvidas sobre se aquele corpo o qual não vimos é realmente o familiar falecido, visto que pior que saber da morte é não poder viver o luto e ser privado de se despedir pela última vez do corpo da pessoa que se ama. Pode-se, portanto, afirmar que de tantas formas de falecimento, a morte na pandemia gerou uma angústia de incertezas. É como se a pessoa não tivesse morrido na mente daquele que não pode se despedir como se deseja, ocasionando nos familiares uma quebra do processo natural de aceitação, fazendo deste modo com que a dor da perda seja ainda maior. Nesse tempo pandêmico perdeu-se o significado do processo de finitude que precisa ser reencontrado:

> Precisa-se recuperar a dimensão humana do moribundo, pois a pessoa humana tem dignidade e, por conseguinte, é digno de respeito como ser humano. A sua enfermidade não retira a sua dignidade. Sendo assim, somente uma recuperação do sentindo da morte, como parte inerente da vida, possibilita uma nova forma de agir em relação àquele que se encontra no leito de morte ao esperar o evento que lhe é tão singular que é o ato de morrer. (CARVALHO, 2019, p. 211).

Existe, na atualidade, como resposta a problemática de um fim letal, provocado por um vírus invisível, o desejo de restituir a lembrança de que nosso *ser-em-si* é indestrutível e que apesar da dor de perder quem amamos, a morte não pode ser considerada um ponto final. Ter essa certeza pode ajudar no processo de finitude que muitos ao passarem pela experiencia de "quase" morte narraram sentir:

> Primeiro momento uma fraqueza extrema; seguida da perda da noção de tempo e espaço e a sensação de quase morte que faz a pessoa como que sentir a alma flutuar, ou ainda ver entes queridos que já partiram; a vista que começa a falhar e só é possível vê luz interior e abismos; a respiração e o coração param, não, porém a consciência;

> ouve-se e percebe-se o que passa ao seu redor. A consciência vai diminuindo até desparecer. (MORAES, 2019, p. 86).

Todo esse processo obtido de relatos de pessoas que passaram pela experiência de quase morte por meio do coma, faz observar a quão finita é a existência do ser humano e motiva-nos ainda no calor da hora em um esforço imediato de discernimento dos impactos da pandemia na sociedade, na vida e no findar dela. É necessário poder contribuir com a compreensão desse atual momento crítico. As perguntas sobre onde estiver e para onde iremos fornecem a intencionalidade de fundo de todas as reflexões. A esperança de que outro mundo pode e deve renascer e reafirma que apesar da dor que a perda pode ocasionar nos que ficam, não se trata de uma morte da essência, mas do fenômeno. Recorda-se que saber disso pode trazer o sentimento libertador se consolação que tanto se faz necessário no mundo atual, pois a falta desse, cria um impedimento como descreve Carvalho:

> O que impede uma preparação verdadeira para a aceitação da morte como parte inerente à vida. A morte do outro não é a minha morte, por isso, a consciência da morte se apresenta muito na segunda pessoa, como ato externo ao ser na primeira pessoa. (...) A morte na primeira pessoa, torna-se possível como ato de reflexão e de tomada de consciência e, por conseguinte, um ato filosófico. (CARVALHO, 2019, p. 211)

Nessa pandemia, observa-se a morte em demasia, mas quase sempre esta é refletida na segunda pessoa, ao chorar pelo amigo que era próximo, ou um colega não tão próximo que partiu, vitimado pela Covid-19. Contudo, é indispensável olhar também para si, e trazer a reflexão para primeira pessoa, o que leva a analisar o posicionamento de que podemos morrer com sentimentos diversos, com atitudes variadas: "eu posso ver na minha morte uma derrota, morrer como um derrotado, como um amargurado; posso ver na minha morte um absurdo sem sentindo...", ou posso fazer da minha morte um ato de entrega e confiança, se consigo perceber por meio da razão que a morte não é um fim, apesar de todo o sofrimento que a ela atribuímos (COSTA, 2021, p. 97).

Notar-se-á aqui a importância do pensamento schopenhaueriano para uma elaboração do fim, da vivência do luto e do prosseguir a vida. Pois pensar a morte nos dias de hoje é pensar nos que permanecem trazendo em seus corações as marcas da ausência, provocada pela morte na pandemia. É consolador encontrar a compreensão retirada dos escritos de Schopenhauer:

> É o intelecto e não a vontade, como sede do desejo e das paixões, que se revela imortal. Por isso, a morte do indivíduo, enquanto manifestação da vontade ou da negação da vontade no mundo empírico, em nada viria tolher ou afetar este ínpeto fundamental que, ele sim, é imortal, perene ou eterno. (ALMEIDA, 2007, p. 235).

Conclui o filósofo, que tanto a morte, ou seja, o voltar a origem de onde viemos, quanto o nascimento que é o provir do nada, revestem tão somente a realidade da aparência. A vida se apresenta, ou se representa como o fenômeno, ou seja, o ato de falecer. Mas o *ser-em-si*, que dentro do ser humano se faz presente, permanece o mesmo, com a morte material, não pode ser destruído. Nesse sentindo pode-se afirmar que nada daquilo que perece, morre para sempre. Logo não pode ser a morte o fim e chegar a esse entendimento, ajuda no momento atual, pois retira o pavor, a angustia e traz por meio da reflexão direcionada a questão de que, tudo aquilo que se vive trata-se de uma vida mortal e de uma morte vital.

CONCLUSÃO

Ao refletirmos sobre a morte, pode-se perceber que o ser humano não consegue conter a sua finitude. Realidade essa intrínseca a todos, a qual tem gerado angústia e desalento, podendo ser superada por meio de uma mente que pensa o seu último momento para bem vivê-la. Houve uma reflexão acerca do conceito de morte para Arthur Schopenhauer. Sua definição pode ajudar no processo de elaboração do luto e trazer em si um novo significado sobre o conceito de finitude atual.

Para tanto, foi preciso iniciar deste modo para que se pudesse entender a profundidade deste fenômeno, ou seja, o rompimento da vida enquanto fenômeno e sua repercussão no campo metafísico com a indestrutibilidade do nosso ser-em-si. Entendeu-se que o fator de maior dificuldade está na não aceitação da realidade, a busca da fantasia, a tentativa de continuar negando a morte como algo que deve permanecer distante, enquanto bem se sabe que essa se faz sobretudo em tempos de pandemia tão próxima e atual.

Nesse trabalho monográfico, concentramos os esforços no sentido de entender, principalmente, como se apresenta a morte no pensamento de Schopenhauer, assim como sua relação com a indestrutibilidade do nosso verdadeiro *ser-em-si*. Logo, na introdução, abordamos algumas definições primárias do conceito de morte para assim produzir uma melhor assimilação desse tema tão antigo. Verificou-se que a existência da possibilidade de uma atenção para a temática da morte é inegável, todavia, envolve fatores bastante complexos, já que está enraizado na cultura moderna e se constitui com o tempo o pensamento, onde a morte é tratada como o fim da vida, envolvendo-a. A visão para além do físico apontada em metafisica da morte, como corroborada por outros pensadores supracitados em linhas gerais, pode ser vista como o conhecimento de si mesmo, sendo intrínseca a cada ser humano, mas não, necessariamente, cultivada.

Dando sequência, procurou-se entender como Schopenhauer chegou as suas conclusões filosóficas no sentido de entender o mundo. Assim sendo, foram expostas algumas características próprias de sua filosofia; depois, apresentou-se com clareza como nos mostra em sua metafísica da morte que o nosso verdadeiro *ser-em-si* enquanto vontade em nada é atingido com a morte orgânica do corpo. Para o pensador, a morte diz respeito unicamente ao desaparecer da consciência, no momento em que cessa a atividade do cérebro. Portanto, o que se dá depois do apagar da consciência já é um momento pós morte.

Durante a vida inteira nos inquietamos com a questão da morte, buscando entender o porquê ou qual o sentido da nossa existência. Com efeito, por mais que se tente entender, nossa

busca parece vazia, vã, sem êxito. Todos vão morrendo, enquanto aguardamos a nossa vez. A única certeza que temos na vida é de que morreremos um dia. Schopenhauer afirma ser a morte a musa da filosofia sem a qual dificilmente se teria filosofado no mundo. Os mistérios da morte nunca serão desvendados pela racionalidade humana, mas como na natureza não há um mal que não traga um bem, a mesma reflexão que nos faz pensar na morte também nos serve de inspiração ao filosofar e viver bem a vida.

Por fim, pode-se descrever sobre a questão da morte na visão de alguns pensadores, dos antigos aos modernos. Sobre a ótica desses, ficou demostrado que a interpretação existencial, histórica e filosófica do fim pretende liberar a estrutura ontológica da morte como um ser-para-o-fim, levando a refletir sobre o mal que se formou no decorrer da história, que é o apego a vida de modo excessivo, como meta a segurança e a proteção. Trata-se de um comportamento que é interpretado como uma tentativa de conservação, em geral, se manifesta culturalmente por meio da banalização e negacionismo do fim.

Nota-se que muitas são as vezes em que este limite, próprio do ser humano, vem a soar como uma situação de fracasso. É percebido por meio dos avanços tecnológicos na área da saúde, com o avanço cientifico é natural que se pense ser imortal, no entanto, com a crise provocada pela pandemia do novo coronavírus fez-se olhar de perto a morte, tornado possível vislumbrar que o ser humano é perecível, isso não é mais negado pela sociedade envolta em uma miséria e uma crise econômica, cultural, de saúde pública, de fé e tudo isso tem condicionado ao grande crescimento do número de suicídios e de mortalidade. Precisa-se, como uma forma de reposta a problemática da falta de sentindo, pensar o fim para viver o momento presente.

A consciência de que não mais existiremos nesse mundo faz com que o ser humano deixe rastros que se perpetuam ao longo dos tempos. A partir daí, ele começa a entender-se como ser humano, um ser finito e limitado. Ao passo que enfrenta um distanciar-se da morte por enxergar no fim um momento maligno e que traz consigo grandes males. Faz mister, descortinar o preconceito em pensar sobre o fim como uma ausência da vida, ou um não-ser porque ela não é apenas uma contraposição à vida, mas é a afirmação da mesma. Por isso, deve-se encontrar na morte um significado positivo.

O deixar de ser como fora exposto por meio de uma abordagem filosófica, exige de nós, uma reflexão atual e constante, uma vez que tal fenômeno perpassa de imediato pelo nosso cotidiano, por isso, para amenizar o sofrimento da perda deve-se ser cultivado em nós a familiaridade para com a morte, pois ainda não se tem respostas prontas para essa questão. Ela

não é um fato simples de ser compreendida ou refletida, mas precisa ser pensada durante toda a existência, pois perceber-se finito, faz parte da vida.

Enquanto mais tempo demora-se para notar a importância de entender a morte, mais essa se torna amedrontadora a nossa sociedade como num todo. Precisa hoje mais que em tempos passados mergulhar no tema da finitude a partir de reflexões filosóficas e práticas que os escritos schopenhaueriano nos oferta como uma resposta prática de enfretamento da morte para os nossos dias. É notório que com o passar do tempo o conceito de morte sofreu mudanças até chegar ao que temos nos dias atuais. A pesquisa demonstrou o grande leque de conteúdo reflexivo sobre o findar da vida.

Ao final deste estudo, pode-se perceber que pensar a morte é um fator importante dentro de um processo de aceitação deste evento intransponível e de redução do sofrimento, haja vista que enquanto perda, o ser humano nunca está preparado para abrir daquilo que possui, por isso mesmo, o morrer traz consigo um sentimento de grande impacto que não cessa num piscar de olhos e num curto espaço de tempo. Destarte, é salutar a passagem e assimilação de cada etapa do luto.

Como conclusão, tem-se por certo que, por mais que dissertássemos sobre o referido assunto, se tem a consciência de que não o esgotaríamos por se tratar de algo tão grande e ao mesmo tempo misterioso. Portanto, espera-se que esse trabalho sirva como auxílio e uma pequena, mas necessária contribuição de nossa parte para gerar reflexões acerca de tal fenômeno e ao mesmo tempo ajudar aos que poderão ter acesso a essa monografia a reconhecer a dignidade da morte, sobretudo, como nos aponta o pensamento de Arthur Schopenhauer que a morte enquanto um fenômeno que todos nós viveremos, não é um fim em si mesmo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, Rogério Miranda. **Eros e Tânatos**: A vida, a morte, o desejo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

ANTUNES, George Thompson. **Novo dicionário internacional de biografias**. São Paulo: Nobel, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2008.

BARCELLOS, Gustavo, *et al. Novo Normal?*: Provocações sobre o tempo, liderança, relacionamentos e o si-mesmo. Petrópolis, Vozes, 2020.

BOFF, Clodovis. **Escatalogia**: breve tratado teológico-pastoral. São Paulo: Ave Maria, 2012.

CARVALHO, José Anchieta Arrais Pe. **A bioética em diálogo com a biopolítica:** Um confronto entre Michel Foucault e Giorgio Agamben. Teresina: Editora e Livraria Nova Aliança, 2019.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

COSTA, Dom Henrique Soares da. **Escatologia**: Sobre o Fim do Mundo. Lorena, Editora Cleófas, 2021.

FERRATER, José. Moura. **Dicionário de Filosofia: tomo I : A-D.** São Paulo: Loyola, 2000.

JAEGER, W. **Paidéia:** A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaios I – De como filosofar é aprender a morrer.** Tradução de Sérgio Milllet. Consultoria Marilena de Souza Chauí.; 5. ed. São Paulo: Nova Cultural. Coleção os pensadores. 1991.

MORAES, Cristiano Batista. **Falar da morte para viver alegre e esperançoso.** Teresina: Editora e Gráfica Halley, 2019.

OLIVEIRA, Marcos Fleury. Marcos H. P. Callia. **Reflexões sobre a morte no Brasil.** 2005.

PASSOS, João Décio. **A pandemia do coronavírus:** onde estivemos? Para onde vamos? São Paulo: Paulinas, 2020.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Introdução, versão do grego e notas de Manuel de Oliveira Pulquério. Brasília, Universidade de Brasília. 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação.** (III parte). Coleção Os Pensadores. Tradução W. L. Maar. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.